

# Universidade de Síntese



RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

# Universidade de Síntese

2022

Muñoz Soler, Ramón Pascual \_ 1919  
Universidade de Síntese / Ramón Pascual Muñoz Soler  
Edição do Autor – 2022

Título original: *Universidad de Síntesis*

1. Nova Comunidade Universitária
2. Educação para o Futuro
3. Reversibilidade de Valores
4. Pedagogia de Síntese
5. Epistemologia de Síntese / Metodologia de Síntese

Página web: [www.egoencia.uno](http://www.egoencia.uno)

Tradução para o Português e capa: equipe VL

Edição do Autor - 1ª edição

## Obras do mesmo autor:

### Livros

**Gérmenes de Futuro en el Hombre**, Depalma, Buenos Aires, 3ª ed. 1988.

**Germes de Futuro no Homem**, ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 1978.

**El Camino de la Egoencia (de la angustia existencial a la mística del corazón)** Arayu, Buenos Aires, 1ª ed. 1969.

**O Caminho da Egoência (da angústia existencial à mística do coração)**, ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 1993.

**Antropología de Síntesis (Signos, ritmos y funciones del hombre planetario)**, Depalma, Buenos Aires, 1980.

**Antropologia de Síntese (Signos, ritmos e funções do homem planetário)**, edição do Autor em Português, 2010.

**Anthropologie der Synthese**, Verlag der Buchhandlung Daub, 5750 Menden Germany, 1991.

**Universidad de Síntesis**, Depalma, Buenos Aires, 1984.

**Magisterio Universitario y Pedagogía de Síntesis**, Depalma, Buenos Aires, 1985.

**Magistério Universitário e Pedagogia de Síntese**, edição do Autor em Português, 2022.

**Reversibilidad de Valores (Donde la luz y el sonido se encuentran)**, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2006.

**Reversibilidade de Valores (Onde a luz e o som se encontram)**, ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 2009.

**Reversibility of Values (Where light and sound come together)**, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2010.

**Triada, Revelación Re-velada (o de la Reconstrucción del Templo), De Profundis, Egoencia,** Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2008.

**Tríada, Revelação Re-velada (ou da Reconstrução do Templo), De Profundis, Egoência,** edição do Autor em Português, 2010.

**Transfiguración Social del Verbo,** Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2009.

**Transfiguração Social do Verbo,** edição do Autor em Português, 2010.

**Gen-ética Social (de la dialéctica de los opuestos a la reversibilidad de valores),** Arcana Ediciones, 2011.

**Gen-ética Social (da dialética dos opostos à reversibilidade de valores),** edição do Autor em Português, 2011.

**Galaxia Humana en In-plosión. Señales**

**A-nunciadoras,** Arcana Ediciones, 2012.

**Galáxia Humana em In-plosão. Sinais**

**A-nunciadores,** edição do Autor em Português, 2013.

**Argentina Pro-fética (canto de los peregrinos antes de nacer),** Arcana Ediciones, 2012.

**Argentina Pro-fética (canto dos peregrinos antes de nascer),** edição do Autor em Português, 2013.

## Conferências

**La Egoencia del Ser,** ADCEA, Bs. As., caderno 2. 1969.

**Temática para el futuro,** ADCEA, Bs. As., caderno 4. 1971.

**Alborada del hombre nuevo,** ADCEA, Bs. As., caderno 5. 1971.

**Modelos de futuro y estructuras de síntesis,** boletim do “Comité Americano de Investigación sobre Temas y Modelos de Futuro” Bs. As., 1974, nº 4.

**Cerebro electrónico y expansión de conciencia (de la revolución cibernética a la egoencia del ser)**, boletim citado, 1975, nº 5.

**Señales proféticas en la trama de nuestro tiempo**, boletim do “Centro de Estudios Latinoamericanos”, Bs. As., 1982, nº 6.

Folhetos “PEDAGOGÍA DE SÍNTESIS”

**Taller de Síntesis**, nº 0, Bs. As., 1985.

**Taller de Síntesis**, nº 1, Bs. As., 1985.





## **HOMENAGEM**

*à Universidade da Argentina  
a seus professores  
às novas gerações de estudantes*



*Palavras Iniciais*  
*para a edição em Português*

Ramón Pascual Muñoz Soler deixou-nos como herança espiritual treze livros – nos quais entrega a sabedoria trazida do luminoso mundo interno onde o homem e o Divino se unem. Essas obras apontam para o homem cósmico e para uma nova Humanidade. Elas nos dizem constantemente que uma nova consciência está emergindo.

Um homem novo está nascendo.

A formação de uma nova comunidade universitária – que aponta não somente para a inteligência e o conhecimento, mas para a formação de um homem completo, integral e integrado à vida e ao Universo – torna-se uma realidade e uma necessidade que vão além da ideia e do ideal.

A *Universidade de Síntese* é, nas palavras de Muñoz Soler, um órgão de ressonância. Um recinto onde o conhecimento e a vida deixam de estar separados, onde o homem e as estrelas fazem parte da mesma orquestra e trabalham unidos para o mesmo fim, uma Grande Obra.

Construir um homem completo e participativo, capaz de pensar, de amar e de unir-se conscientemente ao Cosmos é o ponto de partida para um Novo Mundo sem travas. Esta é a hora.

A reflexão sobre a Universidade de Síntese – como ponto de união entre o caminho da ciência e o caminho do homem – acompanha as profundas reflexões do autor sobre a evolução da consciência na Humanidade. A Universidade de Síntese é uma construção *pro-fética* que “muda a curvatura do espaço humano”. Grandiosa.

No entanto, o fato de haver nascido e desenvolvido sua vida espiritual e sua carreira profissional de forma muito ativa na Argentina implica que boa parte das constatações práticas de Muñoz Soler tenha surgido do contato com o sistema educacional de seu país.

*Intuindo a universalidade desta obra  
e de seu papel no futuro do corpo planetário  
– segundo as palavras do próprio autor –  
ao traduzir este livro, escrito na década de 80,  
e trazê-lo ao Português em um novo milênio,  
tomamos a liberdade de transformar  
os enfoques específicos de espaço argentino  
e de tempo do século XX,  
inserindo-os, dentro do possível, em um contexto que  
tenha um mínimo de espaço e de tempo definidos.  
O espaço e o tempo de plasmação  
da Universidade de Síntese são, com certeza,  
amplos como a própria  
trajetória evolutiva da Humanidade.*

**V. L.**

# A MODO DE PRÓLOGO

*Por que “de Síntese”?*

A ideia de síntese é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo.

Durante mil anos, a Universidade desenvolveu o poder da inteligência. Mas, o signo do tempo mudou, o mundo já não é o mesmo e a vontade de saber começa a unir-se com a consciência de ser.

A nova Universidade ainda não existe como instituição, mas sim como função (e como material de demolição). Multidão de formas e modelos se fez pedaços, mas fica a experiência: pegadas de informação, fragmentos de ADN recombinante, proto-plasma para uma nova gênese. Universidade escolástica? de livre pensamento? estatal? privada? apolítica? politizada? de massa? elitista? Todos, modelos válidos, mas contextuais, sem futuro. A nova civilização do terceiro milênio propõe à Universidade outros interrogantes, mais profundos, mais vitais, mais enraizados no ser, na alma e no Cosmos.

A nova Universidade é *pro-fética* (palavra que ainda não foi pronunciada), de *síntese* (sem-tese)<sup>1</sup>. Não se funda em conceitos ou sistemas. Não se constitui “*em função de*”: política de partido, poder do Estado, interesses de

---

<sup>1</sup> No original, em Espanhol, o termo *Síntesis* fica dividido em “sin tesis”, ou seja, *sem tese*. Esta tradução transfere o termo diretamente para o Português.

corporações multinacionais, verdade de uma igreja ou Carta das Nações Unidas. Senão que é “função arquetípica do saber”, meio e mensagem, magistério universitário para uma Humanidade que cruzou a barreira cósmica. Já não é só o homem que formula perguntas para o Universo, mas o Universo que pergunta pelo homem.

# ÍNDICE

A MODO DE PRÓLOGO.....	13
------------------------	----

## **PARTE PRIMEIRA**

### UNIVERSIDADE DE SÍNTESE COMO IDEIA

#### I

CRÍTICA À ATUAL ESTRUTURA UNIVERSITÁRIA .....	21
-----------------------------------------------	----

A Universidade atual em crise.....	21
------------------------------------	----

“Como faz uma pessoa para continuar sendo pessoa em uma sociedade tecnificada?” .....	22
---------------------------------------------------------------------------------------	----

Modelo de futuro .....	25
------------------------	----

#### II

DA UNIVERSIDADE PROFISSIONALISTA À UNIVERSIDADE DO HOMEM .....	27
-------------------------------------------------------------------	----

Ser e Sentido da Universidade do Homem.....	29
---------------------------------------------	----

Redefinição da Universidade.....	30
----------------------------------	----

A Universidade do homem restabelece uma ponte cósmica .....	31
-------------------------------------------------------------	----

#### III

EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE .....	33
--------------------------------	----

A filosofia da ciência é insuficiente para fundar uma epistemologia de síntese .....	35
--------------------------------------------------------------------------------------	----

#### IV

ARQUÉTIPO DE SÍNTESE .....	39
----------------------------	----

Meta-fisiologia do saber.....	40
-------------------------------	----

Qual é a função específica da Universidade? .....	41
---------------------------------------------------	----

Função de vínculo analógico .....	41
-----------------------------------	----

Função reversível – des-velamento da relação primordial entre as partes e o todo .....	42
Função de plasmação, radiação do saber .....	43

## ***PARTE SEGUNDA***

### **UNIVERSIDADE DE SÍNTESE COMO ORGANISMO**

#### **I**

#### **PROJETO ARQUI-TECTÔNICO**

DO ORGANISMO EDUCATIVO .....	47
A Universidade e as escolas .....	47
Esquema básico do sistema educativo (geometria de funções) .....	48

#### **II**

#### **A ESCOLA NO NOVO CONTEXTO**

DE CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA .....	51
Crítica ao sistema escolar conhecido .....	51
Aprender a ser .....	54

#### **III**

#### **SISTEMA NACIONAL INTEGRADO**

DE EDUCAÇÃO PERMANENTE .....	57
1. Primeira Etapa .....	57
Educação precoce .....	58
Educação pré escolar .....	59
Nível 1 de escolaridade básica (7 a 10 anos).....	60
Escola graduada e alternativa .....	63
Escolas-oficina de capacitação para o trabalho .....	64
Educação especial.....	64



Nível 2 de escolaridade básica (10 a 12 anos).....	66
Nível 3 de escolaridade básica (12 a 15 anos).....	67
2. Segunda Etapa (estágio de desenvolvimento da adolescência) ..	67
Escola de aprendizes .....	68
3. Terceira Etapa.....	75
IV	
CENTRO DE SÍNTESE .....	77
Arqui-tectura orgânica do Centro de Síntese.....	79

### ***PARTE TERCEIRA***

#### **UNIVERSIDADE DE SÍNTESE COMO MÉTODO**

##### **I**

MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO .....	85
Projeção do arquétipo de síntese na alma do mundo .....	85
Tradução reversível: modelo universal .....	86
Convocatória aos mestres.....	86
Nova comunidade do saber .....	88

##### **II**

INGRESSO NA UNIVERSIDADE .....	91
Substituição do curso de ingresso por um ano de candidatura .....	91
Fundamento filosófico para uma nova política de ingresso na Universidade.....	93
Descobrimento de significados.....	95

##### **III**

PEDAGOGIA DE SÍNTESE .....	97
Conhecimento fundamental.....	97

Universidade de Síntese como órgão de ressonância.....	98
Temática universitária de síntese.....	101
Pedagogia de participação. Ciência e política .....	102
Reversibilidade de funções entre o “Centro e as “Escolas” .....	104
A Universidade de Síntese como formadora de mestres para o futuro.....	105
Redescobrimento do “ofício” como função cósmica .....	107
IV	
REDE PLANETÁRIA DE CENTROS DO SABER .....	111
A sabedoria da Terra.....	111
Universidade da América.....	113
Universidade mundial .....	114
Centro Mundial de Síntese .....	115
Desafio da Sombra e convergência das forças do Espírito .....	117

***PARTE PRIMEIRA***

**UNIVERSIDADE DE SÍNTESE  
COMO IDEIA**



# I

## CRÍTICA À ATUAL ESTRUTURA UNIVERSITÁRIA

### A Universidade atual em crise

Perda da unidade originária do saber

“Vivemos o momento em que é necessária uma nova síntese. Aquele que não compreender esta necessidade não poderá compreender a fundo os problemas do homem de nossa época.”

Ernesto Sábato, *Hombres y engranajes*<sup>2</sup>

A atual estrutura universitária é inadequada para responder ao desafio imposto pelo signo do tempo no campo do saber: unir o caminho da ciência com o caminho do homem.

A Universidade está dividida em multidão de faculdades, departamentos, institutos, carreiras maiores e menores, especialidades e subespecialidades, que crescem em direção centrífuga e se afastam cada vez mais dos princípios que fundam o ser e orientam o sentido da vida humana.

A ideia de universalidade da cultura – espírito e essência da Universidade clássica – cedeu lugar ao modelo utilitário e profissionalista da Universidade moderna. O ideal de fazer da Universidade uma “escola formativa do homem”, como queria Carlos Bernaldo de Quirós<sup>3</sup>, um “âmbito de saber

---

<sup>2</sup> Ernesto Sábato, *Hombres y Engranajes*, Emecé Editores, Buenos Aires, 1970, pg. 108

<sup>3</sup> Carlos Bernaldo de Quirós, *Humanismo Eugenésico Integral*, Buenos Aires, 1946

científico e filosófico” como profetizava Joaquín V. González, uma escola onde se exercitasse, ao mesmo tempo, a liberdade de pensar e a vontade de servir, esse ideal foi, mais de uma vez, subvertido por forças regressivas ou revolucionárias (contraculturais) que – por sua vez e cada uma a seu modo – procuraram (e procuram) manter a dependência cultural, o privilégio acadêmico, o poder político e o predomínio ideológico.

Quando a Universidade atual parece haver alcançado a plenitude de seu desenvolvimento (expansão de seus *campus* universitários, poderio de seus institutos de tecnologia avançada), descobre-se que leva em seu seio o germe de sua própria decadência: serve o sistema – mas deixou de servir o homem. É uma multi-Universidade, mas deixou de ser Universidade.

### **“Como faz uma pessoa para continuar sendo pessoa em uma sociedade tecnificada?”<sup>4</sup>**

Palavras de Trevor Fiske, presidente da União de Estudantes da Inglaterra nos anos 60. Traduzido para a linguagem da Física teórica moderna, diríamos: como faz uma partícula para continuar sendo partícula em um campo de ondas?

Os estudantes que, na década de 60 irromperam nos claustros acadêmicos a modo de uma “invasão de centauros”<sup>5</sup> não eram todos inadaptados sociais e nem estavam todos movidos por ideologias dissolventes. Por trás

---

<sup>4</sup> Trevor Fiske, em *La Rebelión Estudiantil en la Sociedad de Posguerra*, Oscar Troncoso, Centro Editor de América Latina, Bs. As., 1973, pg. 37

<sup>5</sup> Theodore Roszac, *The Making of a Counterculture*, Garden City, Doubleday & Co., New York, USA, 1969.

da fachada política, havia rebelião contra uma forma da ciência, divorciada da consciência. Com o impacto desta nova força mundial da inteligência, nasceram as “universidades livres norteamericanas”, as “antiuniversidades inglesas”, as “universidades críticas alemãs”, os movimentos de revolução cultural na França, na China e no Japão. Qual foi o resultado de tudo isto? Politização do estudantado, participação do poder estudantil no governo universitário, anticursos, ocupação das universidades pelos estudantes, expulsão pela polícia, panfletos, drogas... e sangue jovem derramado. Surgiu uma nova Universidade? Seguramente que não.

A Universidade argentina não poderia escapar às fortes contradições político-sociais da década de 60 e da onda de violência, intolerância e fanatismo que veio depois. A luta universitária foi muito dura nesse momento e deixou feridas ainda não cicatrizadas (não se pode esquecer a “noite dos bastões longos” – intervenção na Universidade de Buenos Aires, 28/07/66). Houve épocas de macartismo e de “caça às bruxas”, tendências políticas de esquerda e de direita, discriminação ideológica, renúncia em massa de professores, expulsão de alunos, leis universitárias liberais e repressivas... e tudo isto, sem que até hoje se tenha delineado um modelo universitário que satisfaça as novas gerações. Em resumo, podemos dizer que, nesses últimos anos, realizamos dentro da Universidade uma experiência política. Mas *não* uma experiência propriamente universitária. Qual é a dificuldade de fundo?

Voltemos ao ano 68, ao maio francês. O sentido da revolta estudantil de 68 e sua reação mundial em cadeia é algo que ainda escapa à crítica sociológica contemporânea. Viu-se somente a crista de uma onda de violência; mas não se

chegou à raiz essencial do fenômeno, à enigmática mensagem que flui da vida profunda da juventude. E não houve resposta. As coisas foram arrumadas, de forma a que tudo continuasse igual que antes.

Mas, a violência continuou seu caminho. O poder político não soube advertir os signos do novo tempo. Os velhos condutores não souberam canalizar a corrente de energia humana que havia sido subitamente liberada no planeta. Foram apaziguados os claustros, mas a violência estourou em outro lugar. E agora?

A transformação radical da estrutura universitária, se bem anelada teoricamente por muitos, provocaria – na prática – tal comoção do marco social vigente que o só anunciá-lo já é detectado como perigoso pelos sensores do sistema. Criar uma nova Universidade é como edificar uma catedral gótica: muda a curvatura de todo o espaço humano e isto é vivido como desestabilizante e “subversivo”. No fim, o velho sistema acaba por engolir os projetos mais audazes. São feitas algumas reformas nos planos de estudo, no regime de concursos, nos organismos administrativos (tudo isso para tranquilizar as consciências). E as coisas continuam como antes!

Isto que estamos dizendo não só se aplica aos grupos reacionários, mas inclusive, a muitos que se autoproclamam como revolucionários. Nem sempre se está preparado para sustentar – na prática – a revolução que se agita na teoria.

Mas, as cartas já foram lançadas. As velhas estruturas se racham e o desafio histórico exige uma resposta.



## Modelo de futuro

“Já está provado que não é suficiente tentar curar o grande corpo doente, senão que se faz necessário criar novos corpos sãos, capazes de modificar toda a ecologia universitária”, diz Patricio H. Randle em sua proposta de uma nova Universidade.<sup>6</sup>

Não é em qualquer lugar do mundo que pode nascer uma nova Universidade, mas somente naqueles lugares do planeta onde haja reservas humanas para o porvir.

A nova ideia de Universidade pode dar as *bases humanas* requeridas pelo “magistério universitário do futuro” e que são indispensáveis para conduzir o processo educativo que aponta para a nova civilização do terceiro milênio. Se essa Universidade fracassar nessa missão inédita, fundada no potencial genésico da tradição espiritual do povo, será inútil tentar modelos que vêm de outros povos, já sejam cientificistas ou populistas. Outras Universidades, em outras culturas e em outros povos, podem dar-nos esses modelos (que podemos utilizar, se necessário, para fins práticos). Mas o mundo de hoje reclama um ensino vivo, para a ativação e o desenvolvimento dos “germes de futuro no homem”<sup>7</sup> que jazem adormecidos nas águas profundas da humanidade de nosso tempo.

Esse ensino essencial, prévio a todo conhecimento aplicado – entenda-se, prévio na ordem do ser – não requer grande infraestrutura econômica, acadêmica, administrativa ou tecnológica e sim, *força humana de inspiração e*

---

<sup>6</sup> Patricio H. Randle, *Hacia una Nueva Universidad?*, Eudeba, Bs. As., 2ª ed., 1973, pg. 42.

<sup>7</sup> Ramón P. Muñoz Soler, *Germes de Futuro no Homem*, ECE Editora de Cultura Espiritual, São Paulo, 1978

*participação*. Mas, por que dizemos que na América pode dar-se um ‘foco de incêndio’ desse tipo? Porque, como diz muito bem Francisco José Figuerola, “aqui o homem não vive condicionado pela sociedade como costuma ocorrer em países europeus. Aqui, sobressai a personalidade, feita de um estilo espiritual e outro material. Graças a sua contribuição, pode oferecer ao mundo uma solução essencialmente nova, ainda que – paradoxalmente – antiga: a nova síntese do ideal com o real, o novo homem do século XXI”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Francisco José Figuerola, *Escritos Políticos*, Plus Ultra, Bs. As., 1974, pg. 27.

## II

### DA UNIVERSIDADE PROFISSIONALISTA À UNIVERSIDADE DO HOMEM

A Universidade clássica formava para a cultura.

A Universidade atual forma para a ciência e a técnica.

A Universidade futura terá que formar (educar) para o homem.

No ano 1918 gestou-se em Córdoba, Argentina, a Reforma Universitária que acabou com o ensino dogmático e abriu as portas para um novo movimento liberal, de abertura social e de incorporação da juventude no governo universitário. Desde então, muitas mudanças se produziram na Argentina e no mundo. Em 1918 (fim da Primeira Guerra Mundial), tratava-se de um movimento liberal de ideias. Em 1966-1968, de uma “liberação de energia” (violência estudantil). E agora nos perguntamos: como orientar essa energia?

A Universidade do medievo oferecia ao mundo uma ideia de unidade sob a forma de universalidade da cultura (a cultura universitária, *universalitas*, dava então – ou pelo menos pretendia dar – um conhecimento e uma linguagem que tornavam possível o entendimento entre os homens cultos do Ocidente). A Universidade atual nos deu a linguagem universal da ciência e da técnica (algo assim como o latim da cultura clássica europeia). Mas, a Universidade do futuro terá que dar ao homem uma linguagem essencial: que permita entender-se – desde o ser – com todos os seres humanos que conformam, ou começam a conformar, a comunidade planetária. Porque nem o latim antigo nem a informática moderna criaram os vínculos anímicos indispensáveis para uma efetiva união entre os seres

humanos. Esta tarefa já não cabe ao modelo da Universidade acadêmica antiga nem ao modelo da Universidade profissionalista moderna, mas à nova Universidade do homem.

Os modelos de alta ciência e de tecnologia avançada seduzem nossas elites intelectuais. E a “Universidade socialista” exerce poderosa atração entre os dirigentes estudantis mais radicalizados (que querem pôr a Universidade a serviço do povo). Mas, a Universidade do futuro começa a esboçar sua imagem para além destes modelos elitistas ou populistas. O que está em jogo não é sua capacidade de “produção” e sim, seu poder de plasmação (impressão na matéria humana dos traços fundantes da civilização que advém).

Até ontem, a cultura desafiava o homem e “formava-o” à sua imagem. Hoje, é o homem quem desafia a cultura. Já não se trata somente de criar uma ciência nova ou de desenvolver uma nova tecnologia, mas de fundar uma nova civilização. Este é o desafio do homem à cultura. Supõe-se que as Universidades deveriam estar na vanguarda desta “revolução cultural”, mas nem todas elas podem dar uma resposta adequada. As Universidades do velho mundo, carregadas de tradição e de história, só podem oferecer-nos o sedimento de uma cultura milenar, resgatada seguramente como ‘combustível fóssil da inteligência’, mas insuficiente para ativar os “germes de futuro no homem”.

O trânsito de uma Universidade profissionalista (destinada a prover de matéria prima o sistema tecnoeconômico da sociedade vigente) para uma Universidade do homem (centrada na integração de ciência e consciência) requer uma mudança radical de mentalidade. E exige suficiente audácia de imaginação, de forma a vislumbrar o advento de novas

ideias e novas formas de vida. As Universidades, como as demais instituições do mundo moderno – como o foi, em sua época, o Império Romano – ficaram ‘vazias de significado’ e correm sério perigo de serem invadidas pelos ‘bárbaros’. O ingresso de um tempo novo (“choque do futuro”, de Alvin Toffler) produziu um ‘deslocamento’ do espectro de significados (espécie de efeito Doppler, por aceleração da mudança). E muitas casas ficaram ‘vazias’, talvez para serem habitadas por um novo espírito.

### **Ser e Sentido da Universidade do Homem**

O que é a Universidade do Homem? Um novo Humanismo? Não. É re-instalar-nos no Universo e reconstruir o *corpo* universal.

O paradigma “Uni-versidade” (em sua versão moderna fundante da cultura do Ocidente) deveria ser escrito assim: Uni → versidade, movimento unidirecional (expansivo), da unidade à diversidade, crescimento quantitativo (exponencial) do conhecimento e ‘queda’ (entrópica) do potencial genésico (materialização da ideia originária). O ideal de objetividade da ciência moderna oculta o ser (Husserl, Heidegger). O ideal de Prometeu (contra os deuses) precipita a queda na matéria. E o ideal de Marx (“Os filósofos interpretam o mundo, nós viemos para transformá-lo”) limita o sentido da História. Em outras palavras, a vontade de poderio da ciência e da técnica fizeram perder de vista o poder de plasmação da consciência. Hoje em dia, a magia da técnica acentua, por um lado, o ocultamento do ser (noite escura da alma do homem de nosso tempo). Mas, por

outro – e sem que nos demos conta – prepara o caminho de retorno.

Universidade do Homem é ‘curvatura’ do espaço existencial, reversão do pensamento, giro metafísico, volta sobre o ser (da diversidade à unidade: versus → Um.).

Os poetas se adiantaram a esta mudança de direção da flecha do tempo (“Remontando a corrente da água”, Leopoldo Marechal. “O olhar anterior”, Octavio Paz). É a nova rota de peregrinação planetária em busca do saber, o “caminho de Santiago” do novo mundo. Que sinais temos para reconhecer o caminho? Como antanho, signos do céu e da terra, em correspondência analógica.

## **Redefinição da Universidade**

Reiteradamente se volta sobre a definição clássica da Universidade: “comunidade de mestres e discípulos, em busca do saber”. Mas, esta relação primordial “mestre-discípulo”, que é pessoal e qualitativa, foi transferida para sua representação moderna “Universidade-universitário”, que é institucional e quantitativa. É precisamente esta última relação a que foi rompida na revolta estudantil dos anos 60. O universitário se voltou “contra” a Universidade. E, a partir desse re-ingresso de energia humana nos antigos recintos, já não é possível voltar a definir a Universidade em termos conceituais; porque o conceito é insuficiente para fazer acessível a dinâmica estrutural do novo órgão do saber.

Este órgão do saber não é algo fora do homem, senão que faz parte de sua própria fisiologia. Esta transposição da clássica relação ontológica para a nova relação fisiológica não se faz visível de entrada. Daí que – como passo prévio a

toda reformulação do paradigma universitário – se requeira o desenvolvimento de um novo instrumento metodológico. Não uma nova teoria da ciência, mas uma volta sobre si mesmo para recuperar a visão *direta* (sem interpretações) do mundo em que vivemos e do ser que somos. Nesse instante de visão – e – participação, o homem re-ingressa no Universo e reconstrói dentro de si o corpo universal.

### **A Universidade do homem restabelece uma ponte cósmica**

O novo paradigma universitário não introduz uma nova teoria, mas um novo instrumento. Não se trata de reformular as relações do homem com o Universo (uma nova teoria das correspondências), mas de “abrir” um novo canal por onde circule uma energia cósmica até agora só intuída de forma ideal. É a *atualização* dessa energia cósmica no homem o que muda o ritmo vibratório da fisiologia humana – e dá origem a uma nova ciência e a uma nova tecnologia.

Frente às “Universidades livres”, à “Universidade socialista” e outros modelos universitários que são experimentados e que, ao final, ficam sempre dentro de um marco profissionalista mais ou menos tecnificado – frente a esses ensaios, a Universidade do Homem pode aparecer como modelo utópico. De algum modo, ele o é. Mas, com algumas reservas.

Enquanto que as utopias do passado pretendiam fundar um humanismo ideal e romântico (sobre a base de um ‘pacto’ do homem com a Natureza), as utopias do futuro tentam a síntese entre o *logos* e a *techné* (a segunda natureza, criada pela tecnologia). Mas, nenhum destes modelos tem em conta a irrupção do “arquétipo de síntese” no mundo interior do

homem — que é, precisamente, o acontecimento paradigmático da nova era. A Universidade do Homem é o reflexo analógico deste acontecimento (cósmico e humano, ao mesmo tempo), cujo potencial genésico se manifesta como ‘radiação do saber’: não só informação, mas plasmação.



### III

## EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE

“É mais fácil gritar ‘para frente’, do que  
‘para onde’.”

E. Matchet, *Logosynthesis*<sup>9</sup>

A nova epistemologia não é só meta-física, mas também meta-fisiológica. Síntese do conhecimento e integração do homem. Os mesmos princípios que inspiram o avanço da ciência ativam o desenvolvimento da consciência. O mesmo fogo que ilumina a inteligência ordena a matéria e sustenta a vida.

Epistemologia de síntese não é um novo sistema, mas um novo instrumento, ferramenta metodológica de uma nova mente (salto antropológico). Não é uma nova teoria do conhecimento. É uma nova visão do sujeito da ciência. Apreensão sincrônica de campos, até agora separados (algo assim como as equações de Maxwell – mas equações orgânicas, gen-éticas), dando formulação teórica, no campo das ciências humanas, à relação “partícula-onda”, des-coberta pela Física moderna.

Epistemologia de síntese é des-velamento das leis mais gerais, que unem o caminho do conhecimento com o caminho da vida. Essas leis, que *vinculam* a ordem cósmica com o mundo humano, foram reveladas pelas grandes tradições espirituais da Humanidade. Epistemologia de síntese, por reversão do pensamento, procura ‘traduzir’ para a linguagem

---

<sup>9</sup> E. Matchet, *Logosynthesis*, Ed. Inst. Diseño Industrial, Fac. Ingeniería, Rosario, Argentina, 1973.

científica, as mesmas verdades fundamentais (poderíamos chamá-las leis universais) que foram preservadas sob a roupagem do mito, do símbolo e do folclore.

Estas verdades, ao haverem sido expulsas do campo da ciência racional do Ocidente (“pedra angular rejeitada pelos construtores”) deixaram um vazio de significado. Nosso conhecimento ficou desvinculado do ser, somos ricos em informação e pobres em sabedoria.

As leis fundantes do saber e do ser não são formulações abstratas do pensamento ou equações matemáticas instrumentais. São, essencialmente, “campos de compromisso” que vinculam (e comprometem) o sujeito que investiga com “aquilo” que ele investiga. Já a Física experimental expôs as relações estreitas entre o observador e o observado no mundo subatômico. Mas aqui, ao iniciar o caminho (*methodos*) da epistemologia de síntese, o caminhante fica “comprometido” com o caminho: ressonância da ‘partícula’ humana em um ‘campo’ de consciência cósmica. As “leis de compromisso” vinculam consciência e vontade, ser e conhecer, saber e poder, criação e destruição. Ao pôr o pé neste terreno, o investigador não só perturba – com sua presença – o desenrolar dos fenômenos, senão que põe em jogo sua própria vida (e a vida de seus semelhantes).

Quais são essas leis que vinculam a metafísica com a biologia, a genética com a ética, a química com a alquimia, a mecânica (o modo de mover-se) com a dança das forças cósmicas? Acaso não são diferentes das leis conhecidas pela ciência? Sim, são diferentes, se se olhar com o velho microscópio (instrumento lógico de redução). Mas não o são, se se contemplar o Universo com o novo instrumento

analógico que a mente humana já conquistou<sup>10</sup>. Ciência e técnica revelam, em forma simbólica, uma parte dos antigos mistérios.

### **A filosofia da ciência é insuficiente para fundar uma epistemologia de síntese**

“O pensamento científico do século XX se encontra – como o pensamento político – em um estado de desintegração: é incapaz de síntese.”

*George Picht*<sup>11</sup>

“A ciência se dividiu em tantos pequenos campos particulares que sofreu uma ‘balkanização’.”

*Isidor Rabi, prêmio Nobel*

“O enraizamento das ciências em seu fundamento essencial foi perdido por completo.”

*Martin Heidegger*<sup>12</sup>

“Talvez, a metafísica de amanhã – se o homem vindouro ainda sentir a necessidade

---

<sup>10</sup> Ramón P. Muñoz Soler, *Antropologia de Síntese*, Edição do Autor em Português, 2010.

<sup>11</sup> George Picht, *Reflexion au Borde du Gouffre*, Ed. Laffont, Paris, 1970

<sup>12</sup> Martin Heidegger, em *Martin Heidegger im Gespräch*, Richard Wisser, Verlag Karl Alber Freiburg/München, 1970

do pensar metafísico – será iniciada como uma crítica da ciência.”

Octavio Paz<sup>13</sup>

Todas estas citações de consagrados pensadores indicam uma só coisa: que a ciência se dividiu, que o conhecimento se separou da vida. Mas, para unir o que está separado, não são suficientes a filosofia, a poesia ou a política, senão que se requer um novo ‘acoplamento’ (a síntese do porvir é biológica, não intelectual; gen-ética, não ideológica).

Acoplamento com quê? Ou, com quem?

Com o novo material gen-ético trazido pelos mestres. Mas, quem são os mestres?

Dizíamos, em *Antropologia de Síntese*<sup>14</sup>: a ciência do futuro está hoje em gestação, na mente e no coração dos sábios. Digo expressamente sábios, não cientistas, filósofos ou técnicos. Porque na mente intuitiva destes sábios começa a esboçar-se, a grandes traços, a silhueta de uma nova síntese para o porvir. Eles são os arqui-tetos das catedrais do futuro, os visionários que descobrem a trama invisível da História, os investigadores que propõem novos paradigmas. Estes homens que veem longe, estes sábios-artistas modernos, estes pais da ciência, costumam passar inadvertidos para seus contemporâneos que, deslumbrados pelas conquistas tecnológicas de aplicação imediata – e oprimidos pela massa de dados oferecidos pelas ciências particulares – não chegam a reconhecer a presença dos profetas de seu tempo. Estes adiantados da ciência não são especialistas no sentido comum

---

<sup>13</sup> Octavio Paz, *Corriente Alterna*, Siglo XXI, 3ª ed., México, 1969

<sup>14</sup> Ramón P. Muñoz Soler, ob. cit. 10

do termo. E por isso, em seus próprios ambientes de trabalho, se sentem estrangeiros, imigrantes do tempo, viajantes entre dois mundos. Martin Heidegger, um dos pensadores contemporâneos mais esclarecidos, referindo-se a sua posição frente à Filosofia, diz: “Viemos demasiado tarde para a Filosofia e demasiado cedo para o ser”.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Martin Heidegger, ob. cit. 12



## IV

### ARQUÉTIPO DE SÍNTESE

“Não nos tornamos claros pelo fato de  
imaginar a claridade. Pelo contrário,  
tomando consciência do que é escuro.”

C. G. Jung<sup>16</sup>

A Universidade de Síntese re-descobre a unidade arquetípica entre o conhecimento e o poder de plasmação do saber.

O templo egípcio era centro iniciático, a sabedoria vinha dos deuses. A academia grega, escola de filosofia, diálogo entre mestre e discípulo. A catedral gótica, síntese arqui-tectônica. O mosteiro, recinto de interioridade, cápsula mística. E, em pleno medievo, surge a Universidade como ‘*gymnasium*’ da inteligência, para o des-velamento de ideias universais.

O saber arquetípico se expande e se contrai, análise e síntese, razão e contemplação, espírito e matéria, formas cambiantes de um mesmo caminho que aponta para as estrelas. O que acontece com a Universidade atual? Responde – como órgão de conhecimento – às necessidades de um novo mundo planetário e cósmico? Ou conceitualiza e instrumenta um mundo que já não existe?

As velhas formas ficaram vazias, o saber se trasladou a outro lugar. O próprio sentido de *universalidade* mudou, já não sabemos muito bem o que significa.

---

<sup>16</sup> C. G. Jung, *Psicología y Simbólica del Arquetipo*, Ed. Paidós, Bs. As., 1977, pg. 138

A nova Universidade ainda não existe, mas se antecipa como modelo prefigurativo de plasmação, re-união entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Novamente, um lugar sagrado, iniciático, campo de síntese entre o homem que procura a verdade e a verdade que procura o homem.

### **Meta-fisiologia do saber**

A Universidade de Síntese é corpo analógico de funções reversíveis. Para compreender seu funcionamento, é preciso ‘deter’ o fluxo da percepção comum (que nos traz as imagens das instituições conhecidas) e transferir-se à visão meta-fisiológica do corpo planetário. Nesse contexto ampliado, a Universidade de Síntese se revela como função central do organismo educativo. E digo – expressamente – *função* e não instituição.

A Universidade de Síntese não está nem na base nem na cúspide da comunidade educativa, mas no centro (não no *centro* como lugar no espaço e sim, no ‘centro’ como princípio). E isso é o mesmo que dizer que está presente (por radiação de presença) em todos os níveis do organismo planetário educativo. É o sistema circulatório da “Escola” (de todas as escolas). O sangue vivo que leva o ensino aos recantos mais afastados do corpo planetário e recebe de volta o fruto do esforço humano. Nesse tipo de organismo analógico educativo, a Universidade não se separa do povo, mas tampouco é o povo.



## **Qual é a função específica da Universidade?**

Produzir e difundir conhecimento?

Busca da Verdade?

Conduzir à liberação dos povos?

Produzir pessoas que pensem em termos mundiais?

Difícil de determinar porque é uma função perdida (“pedra angular rejeitada pelos construtores”). A Universidade como instituição (a única que conhecemos) ‘oculta’ o maravilhoso órgão cósmico-planetário (só em parte visível). Este ‘refrata’ o raio único da sabedoria na multiplicidade das ciências, na filosofia, na arte e na técnica – para em seguida re-compor, em um movimento igual e contrário, a unidade primigênia do saber e do ser. A vida deste órgão – seu pulsar, seus batimentos, sua radiação – escapa a toda análise, mas podemos intuir algumas de suas funções primordiais.

## **Função de vínculo analógico**

Quando se perde o vínculo entre a ideia universal arquetípica e a multiplicidade de seus aspectos particulares; quando se perde a conexão viva entre o princípio raiz da consciência e o poder da ciência; em outras palavras, quando se perde a função ‘enzimática’ de tradução entre a essência do conhecimento e a substância da vida, então entramos na Idade Obscura (Kali Yuga) como a atual, na qual o conhecimento ‘oculta’ o ser. Apesar do desenvolvimento da técnica, a nossa não é uma Idade luminosa, mas ‘obscura’ (antimetafísica, anticristica, antitradicional). É preciso ler

Spengler em sua metalinguagem simbólica (e não simplesmente historiográfica) se quiser entender o que ele quis dizer em sua *Decadência do Ocidente*.

E não se deve entusiasmar-se demasiado com a tecnologia japonesa de fabricação de robôs eletrônicos em escala planetária. É verdade que eles propõem um “Desafio Mundial” (para fins práticos) como muito bem indica Servan Schreiber<sup>17</sup>.

Mas, não se deve esquecer que são robôs. Promovem o desenvolvimento da inteligência e fazem cambalear a sociedade industrial? Sim, mas para que o “cérebro eletrônico” não se transforme em “cérebro maldito”<sup>18</sup>, impõe-se (por razões de ecologia da mente) um giro metafísico – do pensamento lógico-logicial ao pensamento analógico.

### **Função reversível – des-velamento da relação primordial entre as partes e o todo**

A mensagem do futuro tem sua própria lei, sua própria força, seu próprio movimento, sua própria coreografia. O ser humano *vibra* hoje como ‘partícula’ individual no ‘campo’ dessa mensagem. Nem sempre temos consciência dessa dança invisível de ‘fótons’ de informação, com ‘ondas’ de significado. Mas isso não quer dizer que não soframos as consequências do impacto. Quais são as leis deste movimento da vontade humana, no campo da consciência cósmica?

---

<sup>17</sup> Jean Jaques Servan Schreiber, *El Desafío Mundial*, Plaza y Janés S.A., España, 1970

<sup>18</sup> Ramón P. Muñoz Soler, *Cerebro Electrónico e Expansión de Conciencia*, Conferencia Dowling, XVII Congreso Nacional de Neurocirugía, Bs. As., 1975

Os mestres do futuro terão que ensinar a seus discípulos a manejar a relação ‘partícula-onda’. Já não se trata somente da relação “amo/escravo”, proletariado/vanguarda revolucionária”, “metrópoles/países periféricos”, “nacionalismo/internacionalismo”. Todos, paradigmas de contradição da sociedade de massa. Trata-se da relação da partícula individual com a consciência cósmica, *egoência* do ser (ego-ens: paradigma de similitude), forma de individuação reversível que expõe a ‘mobilidade’ da matéria humana. No campo educativo, isto significa preparar as novas gerações para “não cristalizar-se”.

### **Função de plasmação, radiação do saber**

Informação ou plasmação? O órgão de informação foi exteriorizado (o computador). Agora, a informação está ao alcance de todos (vulgarização do conhecimento).

Mas, o saber se torna cada vez mais esotérico. A mente humana, ao não ter que arquivar nas próprias moléculas cerebrais a carga de informação, torna-se acessível à radiação cósmica do saber. Incorpora-a e a transforma em função orgânica (“pão vivo” para alimento do ser).



*PARTE SEGUNDA*

**UNIVERSIDADE DE SÍNTESE  
COMO ORGANISMO**



# I

## PROJETO ARQUI-TECTÔNICO DO ORGANISMO EDUCATIVO

Universidade de Síntese é a *alma-mater* do sistema integrado de educação permanente. Se realmente funciona como tal, está em toda parte (valor presencial) e em nenhuma (não-institucional).

### A Universidade e as escolas

Uma coisa é a Universidade e outra, as escolas; centro e periferia; essência e forma. A Universidade se *traduz* e **explicita** nas escolas. E as escolas se *integram* e **in-**plicam na Universidade. Dentro desta dinâmica reversível, a organização institucional parece ser a mesma que conhecemos, mas seu ritmo funcional é diferente.

A Universidade se manifesta, se exterioriza, em três graus periféricos de ensino (básico, médio e superior). E ‘se oculta’ no centro.

Ativa-se para fora e potencializa-se para dentro.

“Eterealiza-se” para cima (inspiração) e concretiza-se para baixo (serviço).

Equilíbrio reversível entre o núcleo atômico e suas órbitas eletrônicas. Dinâmica analógica de espírito-matéria.

Filosofia do Ser e do Não Ser.

Política de ascenso e descenso. De manifestação e de não manifestação.

O sistema educativo que conhecemos é um projeto linear (a escada, a pirâmide), caminho sem retorno, crescimento sem limite, ida sem volta. O novo modelo de síntese é circular, cibernético (pirâmide **inscrita** na esfera; a cruz dentro do círculo).

Aqui, o que é em cima (ou fora) também é dentro. E o de cima é como o de baixo. Quanto mais fora, mais dentro. Quanto mais em cima (ascenso de inspiração), mais serviço (descenso de participação).

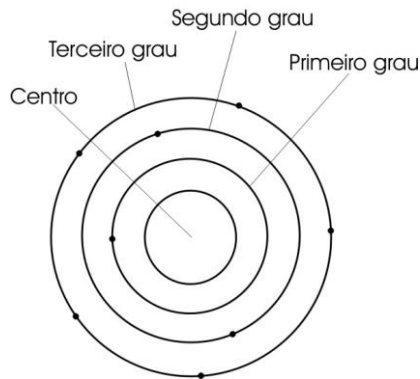
Universidade de Síntese não é um quarto grau, por cima ou por dentro dos outros três graus que conformam o organismo institucional das escolas. Senão que é um “Não Grau”.

Continuaremos chamando-a de Universidade, mas só por transposição semântica. Como a Universidade de Síntese não é uma instituição, mas o espírito da instituição, teremos que aprender a reconhecê-la em seus modos de manifestação, dentro do corpo total da comunidade educativa.

### **Esquema básico do sistema educativo (geometria de funções)**

Em seu aspecto estático (corte de planta), podemos representá-lo, a modo de um modelo atômico, como um “centro de síntese” (vazio), rodeado por três órbitas educacionais periféricas (cheias) – ou níveis ‘quânticos’ de desenvolvimento humano (*unfolding*).





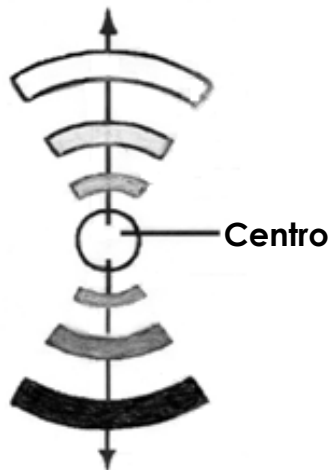
Em um corte vertical (geometria de significados), reconhecemos:

Centro de síntese (vazio)

Graus de ascenso (expansão de consciência) cada vez mais claros.]

Graus de descenso (vontade de participação) cada vez mais escuros.

**Para cima: expansão de consciência**



**Para baixo: vontade de participação**

Traçadas as grandes linhas arqui-tectônicas do organismo educativo – e salva a barreira semântica de uma linguagem simbólica e energética – estamos agora em condições de transitar por um terreno mais conhecido, mais concreto, menos esotérico. Refiro-me ao campo das ideias gerais do sistema escolar e à análise do esquema institucional.

## II

### A ESCOLA NO NOVO CONTEXTO DE CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA

#### **Crítica ao sistema escolar conhecido**

“Em que medida a “escolarização” (o que os anglo saxões denominam *schooling*) continuará sendo a solução educativa, se nos projetarmos para o futuro?”

Gustavo F.J. Cirigliano, *Educación, institución o función?*<sup>19</sup>

O acelerado processo de mudança produzido no *corpo* planetário desestabilizou a escola – enquanto instituição – com respeito à realidade social circundante. A ponto de muitos se perguntarem se não haverá chegado o momento de substituir as velhas estruturas escolares por modelos alternativos mais flexíveis, mais de acordo com as transformações tecno-fisiológicas do homem e da mulher de nosso tempo.

Se nos referir-nos ao ensino básico (fundamental), temos que reconhecer que está em crise. Quando muito, cumpre um mínimo de um processo educativo (nem falemos da deserção escolar). Sua estrutura institucional e sua metodologia pedagógica respondem a um tipo de sociedade pré tecnológica que já não existe.

Em algum momento, foi a vanguarda da civilização.

---

<sup>19</sup> Gustavo F.J. Cirigliano, *Educación, institución o función?*, Jornal “La Nación”, Bs. As., 1969

Hoje, caminha no rastro de outros meios, que tomaram em suas mãos a formação – ou deformação – da infância. As empresas de publicidade e o Estado, através dos meios de comunicação de massa, invadem os recintos do lar e da escola, substituindo pais e professores.

Diz Luis Jorge Zanotti, pedagogo argentino: “A realidade indica que os fenômenos educativos mais importantes – os de maior valor ético e os que chegam a um fundo significado político – não estão sendo conduzidos pelo sistema escolar, mas por outros meios que atuam por si mesmos, à margem de todo o sistema”<sup>20</sup>.

Seria longo enumerar os ensaios de todo tipo, realizados em diferentes lugares do mundo para criar um “novo modelo de escola para o futuro”. Muitos deles valiosos, mas a maioria deles, unilateral. Alguns põem a ênfase no jogo e na livre expressão. Outros preconizam a liberdade absoluta para aprender ou não aprender. E os mais audazes propõem, diretamente, a supressão da escola (Ivan Illich, em seu *Deschooling Society*). Em geral, observa-se uma tendência a assegurar a liberdade individual no processo de aprendizagem e facilitar o acesso à experiência direta, chegando – nos projetos mais radicalizados – a uma “pedagogia da liberação” (Paulo Freire).

Quanto ao ensino médio, encontra-se em um campo intermediário entre a sociedade feudal e a sociedade industrial. As escolas de ensino médio, liceus e escolas normais eram degraus para uma cultura acadêmica. E as escolas de comércio e escolas técnicas abriram caminho para um profissionalismo tecnológico. Mas, nem umas nem outras

---

<sup>20</sup> Luis Jorge Zanotti, *Puede Ser Tarde*, Jornal “La Nación”, Bs. As., 25/02/1971

dão resposta à problemática existencial dos jovens de nosso tempo. Criam um âmbito cultural fictício, separado da vida real, projetam falsas expectativas e – ao não canalizar adequadamente a energia humana em ebulição – incubam a rebelião do jovem e as neuroses do adulto.

O mundo futuro reclama uma cultura de síntese entre o conhecimento e a vida. Mas essa síntese é impossível de ser realizada dentro de um sistema des-integrado, constituído por multidão de formas institucionais que, de uma maneira ou de outra, distorcem o processo de desenvolvimento humano. Cada uma destas instituições tem um programa e uma filosofia diferentes. Aprende-se uma coisa na escola e outra, muito diferente, na rua, no trabalho, no rádio, na imprensa, na TV, na Internet, no celular. Existe uma multidão de departamentos educativos, cada repartição pública tem o seu, cada empresa, cada sindicato. Secretarias de cultura: das prefeituras, das embaixadas, dos ministérios, dos partidos políticos, das igrejas...

Nas mãos de quem está a educação do povo? Que papel desempenham os professores em tudo isto? E a Universidade? E o Estado?

“...a fiscalização do ensino constitui três quartas partes do próprio ensino.”

Carolina Tobar García, *Higiene Mental del Escolar*<sup>21</sup>

Ao excesso de fiscalização, devemos acrescentar o excesso de *tecnificação*. Quando se fala de “reforma do sistema escolar”, as técnicas pedagógicas mais atuais ocupam

---

<sup>21</sup> Carolina Tobar García, *Higiene Mental del Escolar*, El Ateneo, Bs. As., 1945, pg. 122

o primeiro lugar (por exemplo, metodologia baseada em Jean Piaget, instrução programada, informática, educação *online*). Mas, pouco ou nada se diz acerca do fundamento filosófico educativo que orienta – a partir do **ser** – a nova civilização planetária.

## Aprender a ser

“Não se trata somente de adquirir – de forma específica – conhecimentos definitivos. Mas sim, de preparar-se para elaborar – ao longo de toda a vida – um saber em constante evolução e de “aprender a ser”.”

*Comissão Internacional para o  
Desenvolvimento da Educação (UNESCO),  
Apprendre à être.<sup>22</sup>*

O marco mais universal de referência para a filosofia educacional de um mundo sem fronteiras é o princípio de “aprender a ser” (*apprendre à être*). Este princípio protege, de entrada (pelo menos filosoficamente), de todo ensino dogmático. Mas é preciso resguardar-se de um universalismo que negue as raízes sociais e telúricas do ser individual.

Está surgindo um novo sentido do universal: não um universalismo por si mesmo, mas o descobrimento da relação invisível (arquetípica) das partes com o todo. Esta ideia-sentimento – que flui hoje por múltiplos canais de inspiração – reclama um novo instrumento de formulação: espírito e corpo da Universidade de Síntese. O velho universalismo representava uma cultura de valores universais abstratos,

---

<sup>22</sup> Edgar Faure, *Apprendre à être*, Unesco, Paris, 1972

teoricamente comuns a todos os seres humanos – mas, na prática, negadores do homem concreto, de seus valores históricos e folclóricos, de suas aspirações sociais e de suas necessidades biológicas.

Aprender a ser implica, além disso, *mobilidade* da matéria humana (ser e devenir). O sistema educativo deve ser meio de reversibilidade e não de cristalização. Deve assegurar a ‘passagem’ rápida de um nível a outro de ensino, de uma profissão a outra, de um trabalho a outro, evitando o estancamento e a “aposentadoria” existencial.

Outro parâmetro a ser tido em conta no processo de “aprender a ser” é a ideia de *medida*. Nem todas as crianças que ingressam na escola têm suficiente amadurecimento para a aprendizagem da leitura e da escrita. Nem todos os que “passam de ano” conseguiram realmente um nível intelectual suficiente para seguir adiante na aprendizagem das chamadas “matérias instrumentais”. Porém, **todos estão preparados para a vida.**

A escola impõe à criança, desde cedo, um determinado padrão – que exclui, desde o início, os menos aptos.

Poder-se-ia dizer que, para esse caso, existem as escolas especiais, se bem que a *inclusão* seja uma variável obrigatória nas reflexões educativas atuais. Ainda assim, a escola diferencial – APAEs e outras – também se apoia em um modelo clássico de escola elementar. A maioria dos que saem dessas escolas não está preparada para uma incorporação real ao trabalho produtivo.

E o que acontece com os mais capazes, aqueles que ultrapassam o “quociente intelectual médio”?

Os professores deveriam ter suficiente capacidade para dar vida a um sistema educativo ágil, dinâmico, alternativo, de oportunidades para todos. Mas, é preciso libertar-se da

burocracia institucional que afoga as melhores capacidades e da estreiteza econômica que desalenta os melhores propósitos.



## II

### SISTEMA NACIONAL INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE

Três níveis periféricos (as escolas) e um centro de síntese. Não entraremos em detalhes de organização pedagógica, daremos só as ideias mais gerais quanto à relação do centro com a periferia.

#### 1. Primeira Etapa

Corresponderia aproximadamente ao período pré escolar e ao ensino fundamental

Contato essencial com o arquétipo de síntese, por intermédio da pessoa do professor: pedagogia de plasmação.

“Se bem que entreguemos conhecimento, estamos descuidando o ensino mais importante para o desenvolvimento humano: aquele que só pode ser oferecido pela presença de uma pessoa madura e amante.”

Erich Fromm, *El Arte de Amar*<sup>23</sup>

Não é questão de sofisticar a metodologia pedagógica nem de multiplicar os instrumentos de ensino, porque neste nível, mais que em nenhum outro, a chave da educação é uma transmissão de traços e não de instrumentos. A transmissão de traços humanos coloca o professor no ‘centro’ do sistema (a função primordial é plasmação, não informação).

---

<sup>23</sup> Erich Fromm, *El Arte de Amar*, Paidós, Bs. As., 1960, pag. 128

Vejam, em linhas gerais, as diferentes etapas e instituições que configuram esta primeira etapa.

## **Educação precoce**

Educação durante a gravidez, o parto e o nascimento da criança (“parto sem violência”) cobram a cada dia maior relevância, em função dos avanços da psicologia profunda e da neonatologia. Ainda não demos suficiente importância às primeiras “**in**-pressões” sobre o fruto de gestação, de forma a instrumentar um modelo educativo que preserve as gerações futuras do impacto deletério produzido pelas paixões humanas dos pais sobre a matéria sensível da vida que começa.

As leis sociais de proteção à mulher grávida que trabalha (licença por maternidade, subsídios, etc.) cobrem apenas as necessidades biológicas mais elementares. E depois? A “creche” e a volta ao trabalho?

A incorporação de grandes massas de jovens mães às fábricas e escritórios rompeu bruscamente o equilíbrio ecológico-existencial de toda uma geração de crianças que se viu, de repente, transferida do lar para a creche. Constitui a creche um modelo avançado dentro do sistema de educação permanente? Ou é um dos tantos produtos de deformação que nos impõe a sociedade de consumo e que terminamos por aceitar (e pagar)?

Por outro lado, cabe a pergunta: é possível a volta da mulher ao lar? Àquilo que foi o antigo lar pré industrial, não. Mas, ao novo lar pós industrial, sim.

Assim como o maquinismo ‘tirou’ a mulher do lar, levando-a ao trabalho ‘fora’ de sua casa, os avanços

eletrônicos (em escala mundial) poderão trazê-la de volta para o trabalho **em** casa.

Mas, a questão de fundo não é o “trabalho da mulher”. É a sociedade inteira a que terá que assumir a ‘função maternal’ de educação precoce das crianças que vêm.

## **Educação pré escolar**

Em direção a uma pedagogia do *antes* (antes do ensino formal), “palavra anterior” (Octavio Paz).

“Antes de aprender o idioma,  
antes do significado das palavras,  
e antes das leis gramaticais,  
a linguagem criada com sons, cores e gestos  
permite a comunicação total,  
direta, profunda e exata.”  
Julia Saló y Santiago Barbuy,<sup>24</sup>

A montanha de literatura que existe ao redor da educação pré escolar não chega a cobrir a insuficiência de seus fundamentos essenciais. Se existe um nível de ensino que esteja mais sofisticado no momento atual, sobretudo nos estratos socioculturais e socioeconômicos mais altos, é o que corresponde ao “jardim de infância”. O próprio nome indica mais a projeção das fantasias do adulto que a realidade da criança. E sua rica tecnologia pedagógica, sua política institucional e a formação de seus quadros docentes (professores de pré escola) respondem – na maioria das vezes

---

<sup>24</sup> Julia Saló e Santiago Barbuy, *Terra, Água, Ar e Fogo Oficina Inicial*, ECE, São Paulo, 1977

– às expectativas da sociedade burguesa e não à necessidade de despertar a consciência.

Qual é o fundamento filosófico de uma pedagogia do antes?

Preservar a visão original do mundo e o sentimento cósmico da vida. Esta primeira função de síntese, unitiva e contemplativa, é muito cedo substituída pela “descrição” imposta pelo educador. A *visão* fica eclipsada pela *interpretação*.

Mas, quem ensina a ver?

Aqui, o professor ensina aprendendo: aprendendo aquilo que ele mesmo esqueceu.

### **Nível 1 de escolaridade básica (7 a 10 anos)**

A metodologia de “fracionamento” imposta pela etapa lógica da aprendizagem formal deve ser equilibrada pela ativação de **três funções básicas de síntese**: descobrir por si mesmo o caminho do conhecimento (aprender a aprender), despertar o sentimento de comunidade (re-conhecer o outro) e participar do gozo do trabalho (solidariedade social).

O movimento de divisão dos sentidos imposto pela aprendizagem da leitura e da escrita e das demais matérias instrumentais (lógica do inteligível) deve ser *centrado* pelo desenvolvimento de funções globalizantes, relativas à própria essência do ser humano (“lógica do vivente”, François Jacob). A aquisição destas ferramentas de síntese não pode ser postergada para quando a criança seja maior. Ou ela adquire cedo o sentido do humano (o “sentido”, em termos biológicos e não em termos metafísicos) ou não o adquirirá nunca (“o sono da razão engendra monstros”, Goya).

Essas funções globalizantes (descobrimento do caminho) têm prioridade ontológica sobre os *conteúdos* do caminho. O importante é “descobrir” o caminho: rumo ao conhecimento, rumo ao outro, rumo à comunidade – e não os produtos elaborados por outros (teoria do caminho). O produto ‘na embalagem’ (a informação) tem seu valor, certamente. Mas não se deve confundir a informação (e seu mito atual, a informática) com o contato direto com as fontes da vida.

O desenvolvimento destas funções específicas do ser humano (aprender a aprender, aprender a amar e aprender a servir) é algo que pode dar-se “dentro” da escola e não fora dela.

Os críticos do sistema escolar chegam a pensar que com os avanços da educação *online* e com as possibilidades educativas da sociedade global, a escola como instituição poderia ser diretamente suprimida. Esta é uma posição radicalizada (ou melhor, politizada). Podem ser substituídas certas funções da antiga escola, mas não o ‘recinto’ escolar (em seu significado arquetípico). O que a sociedade como conjunto não pode dar (modelos socializantes) é o sentimento de reverência frente ao mistério transcendente da vida. E é esta ideia-sentimento a força que ‘abre’ o caminho do conhecimento, da comunidade e do serviço.

O sentido do humano se perde nas megaestruturas. E só é possível resgatá-lo em pequenos grupos sociais, ‘na medida do ser humano’. A escola é um deles. Ou, pelo menos, deveria sê-lo.

O “programa de aprendizagem” não pode substituir o ‘recinto’, porque o ‘recinto’ (como ideia arquetípica) é unidade de conhecimento e integração de vida. A escola básica deve plasmar esta unidade, assegurando, de entrada,

contra toda dualidade entre o trabalho intelectual e a experiência material concreta. “Seria impossível expressar adequadamente os maus resultados que surgiram desse dualismo entre espírito e corpo”, dizia John Dewey em seu trabalho *Democracia e Educação*<sup>25</sup>. E Aldous Huxley acrescenta: “O materialismo abstrato é tão mau quanto o idealismo abstrato; torna quase impossível a experiência espiritual imediata.”<sup>26</sup>

Apesar destas advertências de consagrados educadores, a escola básica não chegou muito mais longe que incorporar a seus programas algum tipo de “atividades práticas” que, por serem transitórias e “pré fabricadas” não oferecem ao aluno um contato *direto* com a realidade social. E, portanto, não conseguem integrar a escola à vida real.

Em lugar de sofisticadas “aulas de trabalho manual”, não poderiam as crianças reparar seus próprios edifícios escolares, aprender a mantê-los limpos, aprender a pintar as paredes, as janelas, a lustrar suas carteiras, a plantar as árvores que faltam na proximidade da escola, a podá-las, a amá-las, a remover as folhas que obstruem os bueiros, a preparar o material didático para ensinar os adultos do bairro a não jogar papéis nas ruas, a não sujar a cidade?

Dirão que tudo isto se aprende depois? Será que se aprende realmente?

---

<sup>25</sup> John Dewey, *Democracia y Educación*, Ed. Losada, Bs. As., 1953

<sup>26</sup> Aldous Huxley, *La Isla*, Ed. Sudamericana, Bs. As.

## Escola graduada e alternativa

Para que todas as crianças (universalidade do ensino) possam desenvolver as três funções de síntese já mencionadas (saber, comunidade, trabalho) é necessário graduar os níveis escolares, conforme a possibilidade **real** dos educandos e não em virtude do molde imposto pela escola.

Três níveis funcionais:

básico elementar, básico médio e básico superior.

Estes ciclos, mais que a idades, correspondem a etapas de desenvolvimento (normal e especial). Mas, cada ciclo deve ser integral (uma porta aberta para a vida) e não como funciona atualmente: se uma criança não tiver o certificado final, não terá lugar na sociedade de trabalho, porque até a própria legislação ficará contra ela.

As estatísticas e a experiência demonstram que uma alta porcentagem de crianças – e por diferentes situações que não importa examinar aqui – não está em condições intelectuais de ir além de certo nível de escolaridade.

A falta de oportunidades de trabalho, em uma sociedade altamente competitiva (e discriminatória com os menos dotados), faz com que, para além desse limite, seja forçada uma escolaridade “artificial”, sobrecarregando as turmas com crianças infelizes e rebeldes – para, no final de penosos esforços, conseguir um certificado de nível médio.

A quem beneficia tudo isto?

## **Escolas-oficina de capacitação para o trabalho**

A criança que não está em condições de ir além da escolaridade básica (estamos falando de crianças que estão dentro da faixa de inteligência normal) deveria ter acesso a uma escola-oficina de capacitação para o trabalho, integrada à comunidade produtiva.

Na Argentina, nos primeiros tempos da “Secretaria de Trabalho e Previsão” criada pelo então coronel Perón, foi feita uma experiência educativa muito importante (e muito humana) com as escolas de capacitação operária. Porém depois, quiseram “hierarquizar” essas escolas, transferindo-as para o segundo grau – com a correspondente exigência acadêmica. Isto, se bem tenha conseguido levar ao nível de ensino técnico de que o país necessitava, voltou a expulsar do círculo educativo os menos dotados.

Atualmente, as velhas escolas de “artes e ofícios” e as “oficinas de capacitação para o trabalho” praticamente desapareceram, para serem substituídas pelas “escolas técnicas” (de segundo grau). Com o que, criou-se um vazio que é urgente preencher.

## **Educação especial**

Na Argentina, desde os primeiros institutos para surdos e cegos criados pela Sociedade de Beneficência e as primeiras escolas para crianças com desenvolvimento mental abaixo do normal – criadas em 1948 pela Dra. Carolina Tobar García – um grande avanço foi realizado em matéria de educação especial. Mas, neste momento, impõe-se uma



revisão crítica da política seguida neste campo, começando pelo questionamento da função social do ensino especial.

Qual deveria ser o destino daqueles que saíam desse tipo de escolas?

A escola especial pagou o mesmo alto preço que a escola comum (e talvez mais), imposto por um ensino formal baseado na “divisão de funções”. As escolas para deficientes, criadas pelo Estado na Argentina no final do século XX, possuem tal número de profissionais especializados (de psicomotricidade, de manualidades, de educação física, de música, de dança, especialistas em movimento, psicólogos, psicopedagogos, médicos psiquiatras, médicos clínicos, etc.) que esses estabelecimentos se tornam muito onerosos e com final pouco feliz: aqueles que saem daí não estão preparados para a vida.

Na atualidade, o tema da inclusão obriga a uma reflexão profunda no sentido de inserir crianças, jovens e adultos – com deficiências diversas – em ambientes de estudo e trabalho.

Isto, no entanto, não tira a importância dos esforços realizados por instituições que trabalham especificamente com deficiências físicas e mentais, para oferecer recursos de trabalho e de vida a seus portadores. Havendo uma nova escola especial, teria que estar fundada, desde seu início, sobre o critério de “oficina total”, integrada à comunidade social de produção.

A criança pequena vai desenvolver muito melhor suas funções psicomotrices em uma tarefa “com sentido” que com qualquer outro método. Existem já pequenas unidades de produção, de iniciativa privada. Porém, estas devem ser integradas ao mercado para que o esforço do portador de deficiência (e de sua família) possa fechar o círculo de

sentido necessário. Esta integração não pode ser realizada por via competitiva (para eles, seria impossível competir com produtos oriundos da indústria comum), e sim por via solidária.

## **Nível 2 de escolaridade básica (10 a 12 anos)**

Este é o estágio que, normalmente, define a “escolarização” da criança. É aquele ao qual a escola francesa (Claparède, Cousinet, Michaud, Wallon) confere especial significado quanto à formação da “sociedade escolar”.

Não vamos entrar aqui em detalhes, visto que este é um dos níveis melhor estudados pela psicopedagogia atual. E é aquele onde a escola básica (como instituição) parece haver alcançado maior rendimento quanto a metodologia e organização.

Só queremos destacar, em nível de funções de síntese, que esta é uma etapa de “latência sexual” que re-une o desejo de saber com a vontade de camaradagem. E que a “sociedade escolar” (Cousinet)<sup>27</sup> é uma estrutura de relações humanas que temos que aprender a re-descobrir e cultivar, pois é o fundamento mais sólido disso a que chamamos amizade, confiança, lealdade, companheirismo. Valores que vão se perdendo ainda na própria escola, à medida que avança a massificação e a des-articulação social.

---

<sup>27</sup> Maurice Debesse, *Las Etapas de la Educación*, Ed. Nova, Bs. As., 1961, pg. 73

### **Nível 3 de escolaridade básica (12 a 15 anos)**

Corresponde evolutivamente ao período de turbulência puberal, uma etapa fundamentalmente energética, à qual convém prestar especial atenção.

A nova pedagogia deverá ensinar a manejar a tremenda energia liberada no processo de desenvolvimento juvenil. Para isso, não é suficiente a filosofia antiga nem a psicologia moderna. Faz falta uma nova **ciência da alma**.

A Universidade de Síntese dará aos professores do futuro o conhecimento necessário para guiar os jovens no momento mais delicado do “trânsito” energético e anímico que conduz a um novo estado de consciência. O tema é profundo, aqui só o apontamos.

Coberta de forma inteligente esta etapa da aprendizagem, com um ensino adequado, pouco livresco, com adequada educação física, oficinas de educação técnica e artística, clubes científicos escolares, acampamentos e, acima de tudo, contato direto do aluno com um professor “amante e maduro” (como diria Erich Fromm) – evitar-se-ia a forte defasagem produzida entre a primeira etapa e a segunda etapa. Evitar-se-iam também muitos dos desequilíbrios da juventude, cujos primeiros sintomas se manifestam precisamente nestes anos do despertar da adolescência.

## **2. Segunda Etapa (estágio de desenvolvimento da adolescência)**

Contato com o arquétipo de síntese por meio do ideal vocacional e da prática social

Com a planificação do sistema escolar no formato que indicamos até agora e a ampliação do espaço pedagógico da escola básica, desaparecem as “escolas conhecidas de segundo grau”, os “liceus”, as “escolas técnicas” (com suas estruturas de divisão de funções) e passamos a um ciclo intermediário de “integração humana”. Um segundo nível de síntese educativa que rompe a velha antinomia entre as letras e as artes. E supera, desde idade precoce, a divisão entre “intelectuais”, “artistas” e “trabalhadores”.

A partir dos 15-16 anos, todos se preparam para estudar-e-trabalhar em um novo tipo de escola alternativa que *in-corpora* ciência, arte e trabalho à vida orgânica do ser humano.

## **Escola de aprendizes**

Trata-se de criar (ou de recuperar?) a hierarquia vocacional de “aprendiz”.

O menino ou a menina de 14-15 anos – que completou o ciclo educativo básico enunciado, com uma formação básica de integração humana e com uma orientação vocacional que surge do contato vivo com a experiência educativa; em outras palavras, um adolescente que estaria em condições de ingressar no atual ensino médio – dentro do modelo de síntese que propomos, ingressaria em uma **escola de aprendizes**, com sentido de “verificação vocacional”.

Por que de “aprendizes”?

A ideia de “aprendiz” foi distorcida (reduzida) a uma dimensão puramente técnica de capacitação profissional, sendo desarraigada da sociedade hierárquica, dentro da qual tinha pleno sentido. A ruptura do vínculo aprendiz-mestre –

que assegurava a continuidade do ensino na sociedade tradicional – e a substituição deste vínculo pelo ‘magistério das forças de produção’ provocou boa parte dos efeitos que hoje qualificamos como “fratura geracional” na sociedade atual.

A ideia de “aprendiz” implica uma hierarquia e um espaço educacional que devem ser recuperados. Funções perdidas que a escola de nível médio deveria preservar e não o faz. Pelo contrário, acentua a brecha geracional e, ao não canalizar adequadamente as tremendas forças liberadas na juventude, são geradas rebeldia, violência e formas atípicas de conduta.

Isto não se arruma com novos planos de estudo nem com gabinetes psicológicos, mas sim criando uma nova categoria de “estudante-aprendiz” que se *in*-corpora como partícula genésica de alta energia no corpo da sociedade total.

Mas, cabe a pergunta: se se suprime o ensino médio, onde se formarão os peritos mercantis, os técnicos mecânicos, informáticos, de enfermagem, que no regime atual saem das escolas de nível médio?

Para responder a esta pergunta é preciso antecipar-se ao modelo educacional e sociopolítico das escolas do terceiro grau (que examinaremos mais adiante). Nesse modelo, as “escolas de aprendizes” se inserem como primeiro degrau de iniciação.

Para cada área do conhecimento aplicado, uma escola de aprendizes. Que sentido tem, por exemplo, estudar anatomia, biologia, higiene em uma escola de nível médio com orientação para Biologia? Não seria melhor que o estudante – com inclinação para medicina, enfermagem e demais ciências da saúde – ingressasse diretamente como “aprendiz” em uma unidade hospitalar de docência,

investigação e serviço, tomando contato (à sua medida) com fatos da vida real e não com ficções pedagógicas removidas de seu contexto?

Não podemos entrar aqui em maiores detalhes. Só indicamos a ideia geral de integração entre trabalho manual, trabalho intelectual e serviço social – em toda essa massa de estudantes secundários com destino incerto, já desalojada de suas escolas clássicas de nível médio pela poderosa corrente tecnocrônica, que arrasta a inteligência para um nível superior de síntese.

Esta ideia de “aprendiz” que esboçamos aqui difere do conceito pragmático a que a reduzem os modelos utilitários (sejam socialistas ou capitalistas). Ser aprendiz não é só preparação para uma hierarquia profissional (ainda que essa preparação possa se dar na ordem prática). Senão que pressupõe um *lugar*, um espaço que a sociedade – em função providencial (no sentido de que provê) outorga aos membros jovens e aponta destino para eles, dentro da comunidade social.

A sociedade materialista e massificada, ao haver negado aos jovens esse lugar como direito próprio (apesar das declarações retóricas em contrário), provocou a violência que o ocupa. Em *Contos Jasídicos*, perguntaram a Rabi Abraham: “Nossos sábios dizem: ‘E não existe uma coisa que não tenha seu lugar’. Por que, então, as pessoas às vezes se sentem tão sem espaço?”. O Rabi replicou: “Porque um quer ocupar o lugar do outro”<sup>28</sup>.

Integrado o aprendiz à própria *vida* da comunidade educativa, há lugar para o desenvolvimento humano em todas as áreas de aprendizagem, desde lixar madeira, fundir o ferro,

---

<sup>28</sup> Martín Buber, *Cuentos Jasídicos I*, Paidós, Bs. As., 1978, pg. 42

manejar um computador, até participar da dor de um doente, contemplar a beleza cósmica, compreender os problemas sociais – tudo isso ao lado do mestre. Com a ajuda do laboratório, de meios como a TV, o celular, o computador, a Internet. E, logicamente, o intercâmbio extramuros, acampamentos para pesquisa e para férias – recreativos e de trabalho – para que os jovens da cidade conheçam a zona rural e os da zona rural conheçam a cidade (conhecer e participar). Assim, aprenderão a conhecer melhor geografia, história, geologia, indústria, agricultura. E, sobretudo, aprenderão a conhecer-se entre si, desterrando das novas gerações a raiz do ódio e da separatividade.

A integração dos jovens nos serviços civis, tanto do homem quanto da mulher, deve fazer parte do sistema de síntese educativa para o futuro. Na plenitude do vigor físico e do entusiasmo juvenil, podem ser realizados serviços que, em outras épocas da vida, seria muito difícil realizar: nos cárceres, nas escolas, na vizinhança, nas instituições de assistência social. Isto permite ao jovem pôr-se em contato com estratos da sociedade que, de outra maneira, jamais teria conhecido. Seres humanos que sucumbem sob a pressão do ambiente, que se precipitam nos abismos do vício ou que são arrastados pela doença e a miséria. Seres humanos que devem ser redimidos pela compreensão e o amor.

Esse tipo de serviço civil foi tentado pela organização de “juventudes políticas” ou por diversas formas de “trabalho voluntário”. No primeiro caso foram criados grupos, muitas vezes, sob o pretexto de luta política – para fins secundários. No segundo caso, corpos de “voluntários” prestam valiosa ajuda, mas geralmente com um sentido de beneficência e não de solidariedade. Isto é, ambas formas – se bem úteis em

certa medida – não respondem às necessidades de desenvolvimento do jovem e da sociedade integrada.

A participação social já não pode ser considerada como virtude. É um valor humano que deve ser desenvolvido através da educação e, portanto, não pode ser deixada nas mãos de partidos políticos ou de igrejas e sociedades beneficentes. Deve ser assumida pela educação comum, para o bem comum.

Esse tipo de formação do adolescente evitaria boa parte dos problemas de que padecem os jovens no mundo, em geral: drogas, delinquência, patologias da personalidade. Não seriam necessários então tantos serviços psiquiátricos nem centros de reabilitação para drogados, nem tanto aparato repressivo para conter uma força juvenil que não encontra suporte de socialização nem de transmutação. O jovem, em seu novo ‘lugar’, encontraria o meio adequado para realizar os anseios de “ser-em-comunidade” que afloram com força nas novas gerações. As quais, por não encontrarem resposta em uma sociedade voraz e competitiva, procuram refúgio em “comunidades” de todo tipo que, na maioria das vezes, terminam em uma nova frustração.

Este ciclo de “aprendiz” tende ao desenvolvimento harmônico da personalidade, evitando a “especialização precoce” das funções humanas, a dissociação entre inteligência/sensibilidade/trabalho, e oferece uma primeira oportunidade responsável entre o que poderíamos chamar a vida privada e a vida pública.

Entre os 14 e os 17 anos, o jovem se põe em contato direto – sem intermediários – com a fonte de conhecimentos que a vida real oferece. Se se priva o jovem destes ‘meios de encontro com a vida’ – e a escola de segundo grau os nega – quando ele chega à Universidade – se é que chega – já se



encontra ‘mutilado’ (algumas funções se terão desenvolvido e outras, não). Que perspectivas pode haver então para um trabalho de síntese na Universidade, se não houve um processo prévio de integração nas idades intermediárias?

Por esse motivo, não se pode conceber a Universidade de Síntese se não se parte da base de um “sistema integrado de educação”, no qual a pedagogia de síntese equilibra (desde o centro) todas as órbitas periféricas de ensino.

Além disso, este ciclo não deve estar orientado para determinada especialidade. Ainda mais, deve ser de “não especialização”. Um novo ‘*gimnasium*’ preparatório para a vida adulta (universitária ou não).

Assim como o “avental branco” do uniforme escolar é símbolo de igualdade, fraternidade e universalidade, a comunidade intermediária que preconizamos seria uma escola de “avental cinza”, símbolo de integração material e espiritual do ser humano.

Essa formação básica da juventude deveria ser prévia não só às profissões científicas, artísticas e técnicas, mas também a todas as demais formas especializadas de educação.

Por exemplo, *antes* de ingressar às academias militares – de especialização para profissões desse cunho – os jovens deveriam cursar essa comunidade intermediária. Isso permitiria superar a antinomia entre formação civil e militar. Pode-se dizer o mesmo sobre os seminários religiosos – também de especialização precoce de funções – com o que se evitaria a forte contradição experimentada pelo sacerdote de formação clássica quando enfrenta a realidade da vida social.

A escola de segundo grau introduz o jovem na universalidade do conhecimento. Mas neste momento, faz

falta um novo instrumento educativo para in-corporá-lo à universalidade da vida: não é suficiente teorizar sobre ela.

Nada de seleção para ingressar neste novo ‘ciclo médio’. Deve ser formação obrigatória para todos.

Todo ser humano tem direito (e obrigação) de tomar consciência – não só conhecer, mas tomar consciência, o que não é o mesmo – da realidade em que vive. Na nova comunidade educativa, o jovem, mais que acumular conhecimento, participa de um processo de desenvolvimento da consciência. Este “desenvolvimento expansivo da consciência de ser” é, *antes de mais nada*, um despertar espiritual. Este não deve ser confundido com o desenvolvimento da inteligência-informatizada (para a qual aponta toda a filosofia tecnológica) nem com o desenvolvimento da consciência crítica (para a qual aponta toda a filosofia pragmática, fundada no marxismo).

Este “despertar” deve se realizar *antes* que se produza a deformação profissionalista. Para o profissional formado, uma vez adquirida a consciência de classe e o gozo do poder, já não é possível reverter o processo: a cristalização existencial fecha o caminho para o ser.

A educação acadêmica de pós graduação, os cursos de filosofia, de história da arte ou de história das ciências – com os quais, ‘mais tarde’, se pretende dar formação ‘universalista’ aos graduados – não serão mais que um verniz, um brilho, uma aparência, que ocultam a falta de integração do ser humano. Se essa integração não se realizou nos anos jovens, não há formação acadêmica que chegue para substituí-la.

### 3. Terceira Etapa

Escolas profissionais de terceiro grau.

Este estágio corresponde às atuais “faculdades” do ciclo universitário, escolas de arte e institutos diversos.

Contato com o arquétipo de síntese por meio da ciência integrada, da linguagem simbólica e da comunicação planetária.

Mais que uma análise de diferentes escolas, faculdades, institutos e carreiras que conformam o que hoje entendemos por “Universidade”, tentemos ver a *localização* (o ‘lugar’) destas escolas no projeto da Universidade de Síntese.

Enquanto que as “escolas” seguiram a rota centrífuga das ciências do Ocidente (“fuga de galáxias”), a Universidade de Síntese “remonta a corrente da água” e volta ao centro. Em linguagem metafísica, Martin Heidegger o expressa da seguinte maneira: “Os domínios das ciências estão muito distantes entre si. O modo de tratar seus objetos é radicalmente diverso. Esta dispersa multiplicidade de disciplinas se mantém ainda unida graças tão somente à organização técnica das Universidades e Faculdades. E conserva uma significação através da finalidade prática das especialidades. Em troca, o enraizamento das ciências em seu fundamento essencial foi perdido por completo”.<sup>29</sup>

Para compreender o funcionamento desta galáxia de particularidades no campo de síntese da Universidade do futuro, teremos que antecipar-nos uma vez mais e saltar da periferia para o centro. É curioso: quando pensávamos haver chegado, voltamos a começar de novo.

---

<sup>29</sup> Martin Heidegger, ob. cit., 12



## IV CENTRO DE SÍNTESE

“Parafraseando um antigo ditado chinês: os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não seus ramos. Os cientistas compreendem seus ramos, mas não suas raízes.”<sup>30</sup>

À medida que o círculo se expande (crescimento quantitativo: mais estudantes, mais faculdades, mais carreiras, mais institutos), se requer um salto qualitativo (analógico) que mantenha vivo o espírito do saber. Do contrário, a Universidade entra no colapso dos grandes números e na paralisia por excesso de informação.

Para que a Universidade possa funcionar como órgão de integração do saber, deve recuperar sua própria consciência universal, des-identificando-se com a multidão de escolas que criou e transferindo a energia liberada para um Centro de Síntese.

Centro de Síntese não é uma escola a mais (algo assim como um quarto nível), mas a reversão das escolas. Não é centro físico (o cubo da roda), mas centro analógico (zero metafísico).

Diversos modelos alternativos surgiram, com a ideia de criar um recinto que preserve, ao mesmo tempo, a unidade do conhecimento e o sentido de re-união: “multiuniversidades”, Auroville (cidade mundial), Arcosanti (integração de

---

<sup>30</sup> Fritjof Capra, *The Tao of Physics*, Bantam Books, Inc., New York, 1975, pg. 297

arquitetura e ecologia), Findhorn Garden (jardim arquetípico no norte da Escócia), Universidade das Nações Unidas.

No projeto desta última, vemos: “seria símbolo de unidade humana, campo neutro no qual diversas filosofias possam conviver”. Em realidade, todos estes modelos respondem mais a uma ideia de “arca” que de síntese.

Não se deve confundir a Uni-versidade – como função de síntese universal – com o ensino superior atualmente chamado de terceiro grau. É inútil procurar, na Universidade que conhecemos, um modelo de base para algo que não existe. Ou melhor, que existe como ideia originária no espírito de seus criadores, como espaço epigenético que transcende o recinto da universidade objetiva. Ainda mais, o que os construtores da Universidade da ciência e da técnica rejeitaram é a ‘pedra angular’ do novo templo do saber.

É difícil conceber este novo órgão da Universidade do futuro. Tende-se a imaginá-lo como um Instituto de Ciências Básicas, uma espécie de ciclo básico universitário, onde colocaríamos as Humanidades, Biologia, Física Geral, Matemática, Introdução à Filosofia, etc.

Não. É algo mais que tudo isso. É um órgão de visão, de “magistério universitário”, uma função que não existe (não se dá lugar a ela) no modelo utilitário da Universidade. Mas que mantém intacto seu potencial no modelo arquetípico; função que pode ser ativada a partir de uma nova convocatória do saber. Esta convocatória (de con-vocar, chamar juntos) não se realiza em uma dimensão horizontal (modelos socializantes, democráticos), mas vertical (restabelecimento da relação mestre-discípulo, no eixo vertical dos significados).

Criar o Centro de Síntese corresponde aos fundadores. É como fundar uma cidade (como se fundavam

tradicionalmente as cidades): não é só uma ideia, mas um cerimonial (evocação de forças arquetípicas).

## **Arqui-tectura orgânica do Centro de Síntese**

Centro de Síntese é a matriz organogenética (*alma mater* no verdadeiro sentido do termo) que inspira e plasma a vida universitária. É uma “escala” de sabedoria, à qual se tem acesso através de uma específica convergência entre a vocação individual e as figuras paradigmáticas que constituem o que podemos chamar de arquitetura invisível da tradição universitária. Trata-se de uma ordem interna (qualitativa) que se revela através da constelação de categorias simbólicas, indicadas a seguir.

### *Vocação*

O universitário se define a si mesmo através de sua vocação de “ser universal” e não por sua aptidão para tal ou qual profissão. Esta vocação de **ser** *in-corpora* o conhecimento que flui da relação mestre-discípulo e o transforma em força humana radiante.

### *Recinto*

O aspirante a “universitário” ingressa na Universidade e não em tal ou qual faculdade ou carreira chamada universitária.

Mas, o que é então a Universidade?

É um “recinto” do saber, não necessariamente uma instituição. É uma categoria *qualitativa* do espaço. Não é só o

“âmbito do saber científico e filosófico” (Joaquín V. González), mas um campo de forças de plasmação do saber.

### *Regra*

É a metodologia para *ser-universitário*.

Não precisamente “lei universitária”, mas convergência do caminho da vida. Algo mais parecido com uma regra monástica do que com um regulamento universitário.

O espírito da regra universitária foi perdido por completo. O “discurso do método” substituiu o “caminho peripatético”. E os exames de ingresso, junto com as promoções curriculares, substituíram as “etapas de transformação do alquimista, no processo da grande obra”.

### *Hierarquia*

A hierarquia do *poder* substituiu a hierarquia do *ser*.

Os graus acadêmicos ocuparam o lugar das categorias do saber. Os mestres foram substituídos pelos técnicos.

### *Juramento*

Recordemos o juramento hipocrático: “Juro por Apolo...” Eco longínquo de antigas fraternidades iniciáticas, vínculo com os deuses e solidariedade com os homens. O compromisso sagrado foi substituído por uma fórmula legal.

Em resumo, mediante um novo ‘rito de passagem’, a Universidade de Síntese restabelece a relação arquetípica “homem-Universo” – já não ao modo das antigas “correspondências” (visão metafísica), mas in-corporando ao ser o resultado do conhecimento (visão orgânica).



Tudo isto que dissemos acerca do Centro de Síntese apenas nos dá uma imagem ideal de um novo humanismo universitário. Mas, ainda não se divisa a ponte de articulação com os instrumentos técnicos e organismos sociais exigidos por uma Humanidade em rápido trânsito de planetização.

O que acontece é que estamos tratando de poderes do Espírito que ‘esquecemos’. E que só podem ser ativados em virtude de um novo “magistério universitário”.



***PARTE TERCEIRA***

**UNIVERSIDADE DE SÍNTESE  
COMO MÉTODO**



# I

## MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO

*Universitas magistrorum et scholarium.*  
“...ayuntamiento de maestros et de escolares  
que es fecho en algún logar con voluntad et  
con entendimiento de aprender los saberes.”

*Las Partidas*, Alfonso el Sabio,  
Partida II, título XXXI.

### Projeção do arquétipo de síntese na alma do mundo

Qual é o “conteúdo” programático da nova Universidade, se é que tal conteúdo existe? Em outras palavras, qual é sua mensagem? Conhecemos a mensagem das escolas (daquilo a que chamamos elétrons periféricos), mas qual é a mensagem do *centro*?

O conteúdo programático da periferia oculta a ‘radiação’ do centro. São duas linguagens de natureza diferente: uma científica, outra profética. Durante séculos, foram dois mundos separados. O magistério universitário ensina a *arte* da tradução de uma linguagem a outra, a *arte* do trânsito de um mundo a outro.

Dissemos “arte” e não filosofia da educação, epistemologia da ciência ou ideologia política. Porque a arte de localizar-se no centro é a chave para a posse total do ensino.

A captação da mensagem do centro é prévia (na ordem do ser) a qualquer instrumentação na periferia (ordem do que-

fazer). Sobre as linhas invisíveis da ‘radiação profética’ (urdidura metafísica) se delineiam os modelos visíveis na trama do tempo<sup>31</sup>. A arte do ensino uni-versitário é aprender a descobrir-transitando (do invisível ao visível, do ser ao não ser).

### **Tradução reversível: modelo universal**

A ideia universal arquetípica não se realiza por meio de um universalismo abstrato ou por um internacionalismo pragmático. Deve ser realizada através de um projeto nacional que torne possível a expressão total da alma do povo. Neste sentido, o que é bom para um, pode não ser bom para outro.

Cada povo realiza sua identidade através de caminhos diferentes. Mas, o importante é o *vínculo* com a tradição espiritual da Humanidade, que assegura o fluxo de energia criadora indispensável para que as leis e formas institucionais de um projeto sejam meios adequados para orientar o desenvolvimento humano, dentro das grandes leis do Universo e da vida.

### **Convocatória aos mestres**

“Um estudante que ao terminar sua carreira passou de mão em mão por trinta professores – e por um número muito maior

---

<sup>31</sup> Ramón P. Muñoz Soler, *Señales proféticas en la trama de nuestro tiempo*, Ed. CELA (Centro de Estudios Latinoamericanos), Ensayos breves n° 8, 1982

de docentes auxiliares – é muito provável que não tenha tido um ‘mestre’ – e que aqueles não tenham tido um discípulo”.<sup>32</sup>

O “centro” vivo da Universidade de Síntese é constituído pelos mestres, não por professores.

Esta diferença qualitativa é a que constitui a essência da hierarquia universitária. Não é que não devam existir profissionais do mais alto nível científico, técnico e docente, ou que não devam existir escolas superiores para a formação de médicos, químicos, físicos e veterinários.

O que queremos dizer é que o conjunto destas escolas, colégios ou institutos já não tem porque continuar se chamando Universidade. Porque *não é* a Universidade. E que, na ordem da hierarquia do saber, essas especialidades ocupam um segundo nível e não o primeiro. A primeira ordem da hierarquia, que poderíamos chamar propriamente *universitária*, é aquela que corresponde aos mestres e não aos professores.

O ingresso dos mestres no ‘primeiro círculo’ desloca os professores e os técnicos para um segundo nível hierárquico. No entanto, este ingresso não se produz por decreto nem por concurso de antecedentes, mas por convocatória da massa crítica de buscadores da verdade.

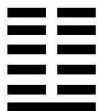
É o ‘retorno da luz’, quando o tempo da obscuridade chegou a seu fim:

signo “FU”, do *I Ching*.

“A forte luz, que antes foi expulsa, volta a ingressar”.

---

<sup>32</sup> Patricio H. Randle, ob. cit. 6



Na época atual, em que vivemos – o “*Ascenso do vulgar e do obscuro na luta contra o nobre e o forte*” (“PO” signo de desintegração, *I Ching*) – ainda não é visível o ingresso dos mestres que trazem a mensagem da nova era. Por isso, dizemos que o “Centro de Síntese” é ainda ideal, prefigurativo, pro-fético. Mas isso não quer dizer que a iminente proximidade de um acontecimento desse tipo não comova a sensibilidade das novas gerações de estudantes. Já Ortega percebeu esta *presença*, nos anos de 1920: “São as leves ondulações que deixa, na quieta pele do estanque, o sopro inicial”<sup>33</sup>.

### **Nova comunidade do saber**

Quando há contato direto entre mestre e discípulo em uma comunidade de estudo e trabalho, o ensino flui como corrente de energia criadora. Não só se aprende nos livros, nos cadáveres e nos animais de laboratório, mas em comunhão de presença e participação de vida.

Enquanto não se restabelecer o “recinto fundamental do saber” (meio humano de revelação do ensino) não poderemos esperar nada da Universidade, a não ser uma produção em série de técnicos desumanizados.

---

<sup>33</sup> José Ortega y Gasset, *El tema de nuestro tiempo*, Rev. de Occidente, 12ª ed., Madrid, 1956, pg.21



Enquanto não se der uma nova geração de mestres – e estudantes dispostos a viver em comunidade com uma filosofia de servir e não de que os sirvam; ansiosos por conhecer, trabalhar e *ser* – enquanto não se der essa integração entre ciência e consciência

é inútil esperar  
que das Universidades saiam os futuros dirigentes  
políticos,  
os mestres  
e governantes dos povos.



## II

### INGRESSO NA UNIVERSIDADE

No modelo de síntese que propomos, não se ingressa em uma determinada “carreira” (que é uma forma de separar-se), mas na Universidade (que é uma forma de unir-se).

O que quer dizer ingressar na Universidade?

Onde? Como? Quais são as condições prévias? Só vocação? Exame de ingresso? Meios econômicos?

Algo mais do que tudo isso. Faz falta que a sociedade global outorgue o “direito à capacitação”. Dir-se-á que esse direito está reconhecido nas legislações mais avançadas. Sim, só na letra.

Já veremos que, para que este direito possa ser efetivamente exercido (e não só reconhecido), é preciso avançar muito mais na legislação do trabalho e, sobretudo, criar nos organismos educacionais e de trabalho o ‘espaço’ adequado para um novo tipo de “estudante aprendiz”.

#### **Substituição do curso de ingresso por um ano de candidatura**

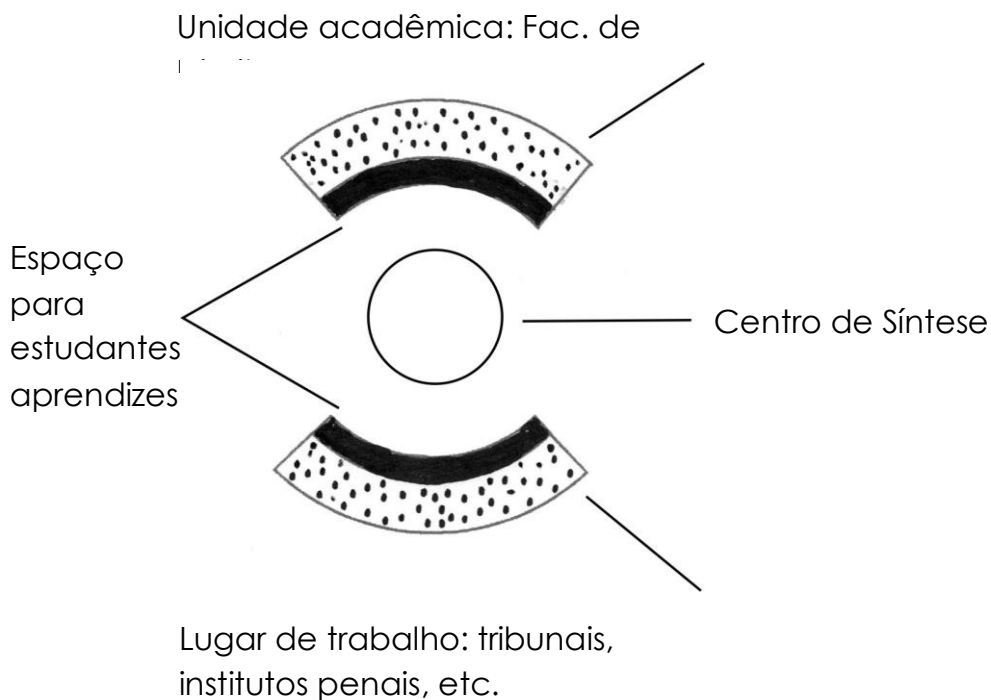
Espécie de ‘serviço civil’ universitário, de avaliação vocacional para a vida universitária. O estudante ingressa em uma “*Unidade universitária*”, em qualidade de “Aprendiz”.

O que é uma “*Unidade universitária*”?

É um organismo educativo integrado a *três* funções diferenciais: um centro de síntese, uma escola de capacitação profissional e um lugar de trabalho na comunidade social.

## *Projeto de uma unidade universitária*

Exemplo: área de Direito e Ciências Sociais



Cada unidade universitária reflete, na prática, a ideia fundamental da Universidade de Síntese. Estas Unidades se organizam por grandes áreas vocacionais. Não entraremos em detalhes, só daremos a ideia geral.

### ***Grandes áreas vocacionais:***

- I. Humanística
- II. Ciência
- III. Arte
- IV. Técnica

O estudante-aprendiz cursa sucessivamente todas as áreas (quatro trimestres). A avaliação é feita no desenrolar do curso, de forma computada, de modo a que o aspirante, no final, esteja pronto para decidir seu futuro.

### **Fundamento filosófico para uma nova política de ingresso na Universidade**

O giro que propusemos para o ingresso universitário – ao substituir barreiras artificiais (tese de orientação, cursinhos, quotas, tarifas, etc.) por um compromisso direto com uma realidade de estudo-trabalho-serviço – tende a desmascarar falsas vocações e ajuda a uma definição mais rápida na integração social. Vejamos tudo isto com a lupa de uma filosofia crítica.

Existem iniciativas que organizam nas Universidades (e fora delas) complicados sistemas técnicos de “Orientação Vocacional”, cuja função é selecionar os candidatos mais aptos a servir as necessidades do mercado de profissões. Todo este dispositivo psicológico-técnico, colocado como guardião do umbral universitário, é altamente encobridor das reais vocações. O mesmo podemos dizer dos exames de ingresso ou vestibulares.

Orientação vocacional e seleção de ingresso – com o critério com que são realizados – constituem um filtro que só deixa passar a matéria intelectual apta a perpetuar o sistema socioeconômico vigente. Mas, há outra matéria humana, menos culturalizada (mas que funciona com o cérebro direito) com capacidade de artesanaria e visão artística, com valores de serviço. Esta matéria humana, ao carecer de oportunidades para um desenvolvimento total, vai parar no lixo, como elemento de descarte de uma fábrica universitária programada seletivamente para um alto rendimento profissional.

E no lado estudantil, o que acontece?

Existe vocação? O que há por trás das aspirações dos milhares de estudantes que todos os anos pressionam para ingressar na Universidade? O que procuram? Descobrir a verdade? Servir a comunidade? Ou procuram um escalão para um título de privilégio dentro da sociedade de classes?

É muito fácil propiciar a luta para uma sociedade sem classes. Mas, que eu saiba, aqueles que o fazem não realizaram esse ideal dentro de si mesmos. No fundo, pode-se ser revolucionário até certa medida, até o ponto em que essa revolução toque em sua própria condição de classe. Em boa parte procedentes de uma burguesia, aqueles que se rebelam contra um sistema podem não haver renunciado a ele.

A verdadeira revolução nunca foi iniciada.

A luta de uma juventude vocacionalmente comprometida é  
*desaparecer como classe e  
transformar-se em fermento.*

Só o fermento dá início à transformação da massa. Essa é uma revolução da consciência, que vai além de formas políticas. É, sobretudo, uma revolução vocacional que

implica descobrir, dentro de si mesmo, o novo sentido de “serviço do saber”.

Haveria tantos estudantes ávidos de ingressar na Universidade se soubessem que pisar o umbral é algo como transpor a porta de um mosteiro? Onde a personalidade mundana fica fora, onde não há incentivo para uma posição socioeconômica de realce, onde o único que se oferece (e se exige) é silêncio, paciência e observância, onde se estuda e trabalha da manhã à noite, onde se aprende a descobrir o caminho do homem e o mistério das estrelas?

Haveria tanta demanda de espaço para estas ‘elites’ vocacionais?

Mas, é preciso dar a oportunidade. É preciso criar espaço para os jovens que querem aprender, não só dentro dos recintos da Universidade, mas também extramuros, nas fábricas, nos escritórios, para fazer realidade do modelo da **cidade educativa**.

## **Descobrimento de significados**

No primeiro ano de candidatura, o aluno estuda e trabalha. Aprende a descobrir-se e a descobrir o que realmente tem significado para o futuro. Aprende a reconhecer o que vale a pena estudar e aquilo que *não* vale a pena estudar – ou seja, o que caduca, o que vai à contramão do tempo. É lamentável comprovar como, depois de anos de estudos penosos, muitos estudantes chegam à conclusão de que a carreira que escolheram carece de futuro (para eles). É preciso ver isto *antes*, é preciso descobri-lo antes!

O primeiro ano não é para acumular informação, mas para descobrir significados. É síntese prefigurativa. Esta seleção

de significados – não de carreiras – não pode ser imposta, deve ser descoberta através do diálogo, da vida na comunidade universitária, do trabalho produtivo e da exploração do mundo interior.



### III

## PEDAGOGIA DE SÍNTESE

*“Falta uma ciência à segunda potência que faça do conjunto de ciências especializadas seu objeto de investigação e que estude seus efeitos sobre nossa civilização”.<sup>34</sup>*

### Conhecimento fundamental

Cada vez com mais força, os jovens universitários anelam captar as ideias gerais que fundam as ciências do homem: o elevado número de ingressos nas carreiras de Filosofia, Psicologia, Relações Humanas e Ciências da Educação assim faz pensar. Mas, estas ideias base não podem ser subministradas hoje por nenhuma das disciplinas científicas, técnicas ou humanísticas que conhecemos: não o fazem a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia – quer dizer, nenhuma das ciências chamadas humanas e sociais – porque essas ciências são o produto de um conhecimento desarraigado do ser.

Faz falta uma ciência fundante das ciências particulares. Uma Metafísica? Uma Teologia? Não precisamente. Não se trata de um novo conteúdo, mas de um novo instrumento. A função primordial da Universidade de Síntese é criar esse instrumento.

---

<sup>34</sup> Georg Picht, ob. cit. 11

## Universidade de Síntese como órgão de ressonância

Talvez, se imaginássemos o projeto arquitectônico (*hardware*) da Universidade de Síntese poderíamos compreender, por analogia, sua função pedagógica (*software* humano). Em realidade, disso se trata, de um especial ‘acoplamento’ entre ‘arquitetura’ e sabedoria, uma configuração de forças em ressonância. Algo assim como o que acontece – ou o que acontecia (porque aqui entra em jogo um elemento humano imponderável) – em uma catedral gótica.

Mas, estamos tão acostumados a uma “pedagogia de depósito” (Paulo Freire) que nos é difícil instalar-nos na nova pedagogia de ressonância. Quando dizemos que o aspirante ingressa na Universidade (primeiro recinto do Centro de Síntese), em seguida nos perguntamos: “o que se ensina ali?”. Substituamos o “que” pelo “como”.

Existem ainda muito poucos professores no mundo que possam ensinar a pensar de maneira diferente. Mas temos alguns exemplos concretos que podem nos ajudar a entender o que isto significa. Gregory Bateson, em seu livro *Ecologia da Mente*, refere o seguinte episódio, protagonizado por um de seus alunos:

“Terminada a sessão, um dos estudantes se aproximou de mim. Olhou-me de soslaio, para assegurar-se de que todos os outros estivessem saindo e disse então, com bastante vacilação:

- Gostaria de lhe fazer uma pergunta.
- Diga.
- Hum... O senhor quer que *aprendamos* aquilo que está nos dizendo?

Duvidei por um momento, mas ele se adiantou:

– Ou se trata de algum tipo de exemplo, uma ilustração ou alguma outra coisa desse tipo?

– Efetivamente, disso se trata!

– Mas, um exemplo de quê?

...

Evidentemente, eu não estava respondendo à pergunta. Um exemplo de quê?

Preso de desespero, construí um diagrama para descrever o que eu concebo como a tarefa do cientista. Mediante o uso desse diagrama, ficou manifesto que uma diferença entre meus hábitos de pensamento e os de meus alunos surgia do fato de que eles haviam sido adestrados para pensar e argumentar indutivamente, dos dados para as hipóteses. Mas, nunca o foram para verificar as hipóteses, contrastando-as com o conhecimento derivado mediante a dedução, a partir dos elementos fundamentais da ciência ou da filosofia”.<sup>35</sup>

Outro exemplo.

Todo o equipamento técnico e instrumental de laboratório, que assegura à ciência experimental o máximo de objetividade e precisão, contrasta com a mentalidade de um sábio como Wolfgang Pauli. Aos 21 anos, escreveu um livro sobre a Teoria da Relatividade. Professor de Física teórica em Zurich – a quem devemos a formulação do chamado “princípio de exclusão” e a concepção do “neutrino”. No dizer de Gamow, ele “sempre trazia ideias novas e as contava ao auditório enquanto caminhava constantemente, ida e volta, ao longo da mesa de conferências, com seu volumoso corpo

---

<sup>35</sup> Gregory Bateson, *Pasos para una Ecología de la Mente*, Ed. Carlos Lohlé, Bs. As., 1982, pg. 17

oscilando ligeiramente”.<sup>36</sup> Este Pauli “era um físico tão teórico que, normalmente, só de passar pela frente da porta de um laboratório, já era suficiente para se quebrasse alguma peça do equipamento” (ob. cit.). Este fenômeno ‘telecinético’, chamado “efeito Pauli”, é paradigmático de uma mente mais contemplativa que experimental. Antecipação de uma clarividência do futuro que não necessita comprovar pela experimentação aquilo que se vê claro.

Em uma ordem mais prática das coisas, Paolo Soleri, PhD em arquitetura, propõe um projeto completamente novo das cidades e da vida urbana, partindo do conceito de “Arcologia” (*Arcology*: arquitetura e ecologia), uma ideia de síntese que concebe a cidade como instrumento de evolução humana<sup>37</sup>.

E na área da Economia, E. F. Schumaker, ainda que assessor de primeiro nível de governos e instituições, volta aos princípios fundamentais das ciências humanas e não vacila em inaugurar suas aulas, partindo de premissas metafísicas<sup>38</sup>.

A incorporação de “professores estrangeiros em Universidades argentinas”, comentada por Eitel H. Lauría no jornal “La Nación”<sup>39</sup> – Julio Rey Pastor (1888-1954), Emilio Bose (1874-1911) e Ricardo Gans (1880-1954) – contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Matemática e da Física no país. Estes mestres *fecundaram* a inteligência dos jovens e deixaram numerosos discípulos.

---

<sup>36</sup> Georg Gamow, *Trinta Años que Conmoveran la Física*, Eudeba, Bs. As., 1971, pg.90

<sup>37</sup> Paolo Soleri, *The City of the Future*, em *Earth Answer*, Lindisfarne Books, Harper’s & Row, New York, 1977, pag. 73

<sup>38</sup> E. F. Schumaker, ob. cit. 37, pg. 97

<sup>39</sup> Eitel H. Lauría, *Maestros Extranjeros en Universidades Argentinas*, Diário “La Nación”, Bs. As., 20/04/83

Na era planetária que se inicia, é preciso convocar novamente os melhores valores mundiais para que ocupem o “Centro de Síntese”, cuja silhueta ideal apenas esboçamos, mas que requer um ‘quantum’ de sabedoria humana para poder funcionar como órgão ativador da mente e do coração das novas gerações de estudantes.

### **Temática universitária de síntese**

O Centro de Síntese não deve ser concebido em termos de uma síntese abstrata ou de um humanismo intelectual, mas articulado com os instrumentos técnicos e sociais reclamados hoje por uma Humanidade em trânsito de planetização e universalismo.

É preciso dar, às novas gerações, o conhecimento das futuras ciências de economia planetária, sociologia planetária, ecologia planetária e, sobretudo, o conhecimento da ‘fisiologia’ humana (novas funções) – para o desenvolvimento de uma consciência planetária. Tudo isto é muito mais urgente e prático do que estudar a “literatura universal”, as “línguas clássicas” (que – em um tempo – foram universais), a “história da arte universal”, etc.

As novas gerações de universitários terão que encarar, a curto prazo, problemas tais como governo planetário, controle ecológico do planeta, economia em nível mundial e desenvolvimento da consciência de homens e mulheres. E não vamos capacitar esses jovens ensinando-lhes literatura, latim, grego, e as ciências fragmentadas que hoje conhecemos. É preciso dar-lhes uma cultura universal. Mas, o “universalismo” tem hoje um significado completamente diferente do que teve no passado.

O Centro de Síntese, enquanto órgão pedagógico, não tem a função de “aumentar” o conhecimento, mas de *reverter* o pensamento e evitar a cristalização da consciência.

Pouco a pouco irá se formando uma consciência universal que guiará a estratégia de uma política planetária. E os órgãos da ciência estarão em função dessa política global: ciência e política em função de significados e não de interesses. Não como na atualidade, em que a vida de milhões de seres humanos fica sujeita aos interesses de empresas, de Estados e de grupos minoritários.

Será que nos damos conta de que chegamos ao fim das ideologias?

### **Pedagogia de participação. Ciência e política**

A interação pedagógica entre o “Centro” e as “Escolas” desenvolve uma consciência de união e uma vontade de participação.

Consciência-vontade reversível que rompe o poder unilateral da ciência.

Como bem indicou Georg Picht, “o maior poder do mundo atual, o poder científico, escapa a todo o controle político. Mas a ciência também escapa do controle da própria ciência”<sup>40</sup>. Esta realidade – que adquire a cada dia contornos mais dramáticos – obriga a reformular constantemente as premissas da chamada política da ciência.

A nova Universidade deve fundar-se na neutralidade da ciência ou em uma ciência comprometida com a política? Por outro lado, quando falamos de política, a quem nos referimos?

---

<sup>40</sup> Georg Picht, ob. cit. 11

Já dissemos mais de uma vez que a ideia da Universidade de Síntese não aponta para um universalismo abstrato. E que o desenvolvimento de uma consciência planetária não implica um internacionalismo que negue os valores de identidade nacional. Ao contrário, é importante que as “Escolas” (Faculdades e Institutos) desenvolvam uma investigação criativa com sentido nacional. Mas, por meio do Centro de Síntese, será encontrado o *nexo* de participação com a totalidade do corpo planetário<sup>41</sup>. Enfrentamo-nos com um desafio ‘fisiológico’. Nem a política que conhecemos, nem a ciência, nem a revolução social podem ensinar-nos a ‘funcionar’ (humanamente) no ‘organismo’ planetário.

Enquanto nos debatemos em colocações políticas e controvérsias ideológicas que pertencem ao passado, nosso *corpo* já participa de uma fisiologia cósmica diferente: o meio cósmico **no** homem mudou. A resposta a essa mudança não é ideológica e sim, fisiológica. Ainda não temos consciência deste salto qualitativo que já se produziu. Tampouco temos ciência adequada que nos guie no espaço recém aberto. O que faremos para consegui-lo?

Não é suficiente uma política de transformação do mundo, é necessária uma mística de revelação do ser. Já não a consciência do “humanismo” nem a vontade do “socialismo” e sim, algo mais profundo: giro analógico, consciência-vontade reversível e participante. Já não uma consciência unida às coisas, comprometida com o dinheiro, com as ideologias. Mas uma consciência *livre*, capaz de mover-se em mundos diferentes, de transitar entre classes sociais diferentes, capaz de elevar-se às alturas da contemplação e de descer aos vales da ação. Capaz de participar das lutas e

---

<sup>41</sup> Ramón P. Muñoz Soler, ob. cit 10

problemas do mundo – mas também capaz de renunciar ao mundo e a seus bens transitórios – e conquistar (por presença) o novo centro de estabilidade do homem cósmico.

### **Reversibilidade de funções entre o “Centro e as “Escolas”**

Um estudante de Pedagogia, por exemplo, cursa simultaneamente o “Centro de Síntese” e a “Escola de Pedagogia Aplicada”. E o estudante de Medicina, o “Centro” e a “Faculdade de Medicina”. Trata-se de funções reversíveis.

Ou seja, o que conhecemos como escolas especializadas (medicina, engenharia, etc.) persiste. Escolas ainda mais especializadas, mas fazendo parte de uma estrutura maior, e sem que essas ‘partes’ pretendam arrogar-se a hierarquia do magistério universitário. Essas especialidades subsistirão só para fins práticos, continuando o destino que lhes imponha o desenvolvimento social e o avanço científico.

Com o tempo, muitas das atuais “especialidades” desaparecerão como tais, por falta de função. Atualmente, tem real sentido uma “carreira” de letras? Ou mesmo, uma carreira de filosofia? O avanço da síntese irá, pouco a pouco, absorvendo as antigas ‘universalidades’.

Mas, e os pós graduados?

Os pós graduados poderão continuar, como até agora, nos respectivos cursos de pós graduação. Ou, talvez, um caminho reversível, “pós graduação de síntese”, para funções de síntese que serão cada vez mais necessárias no mundo futuro, que os atuais especialistas tecnólogos não estão em condições de desempenhar.

Essa é a área que corresponde ao Instituto Superior de Síntese. Nesse instituto poderão ser formados os futuros



magistrados, e os diplomatas e homens de Estado, os legisladores, os artistas do projeto planetário, os mestres que estarão a cargo da educação permanente do futuro. E, ainda, os religiosos e diretores espirituais. Quer dizer, todas aquelas pessoas que assumirem a delicada responsabilidade de educar os homens e conduzir os povos. Destes condutores serão exigidos, cada vez mais, não só capacitação técnica, mas também um profundo conhecimento do ser humano e uma visão universal do mundo e da vida.

### **A Universidade de Síntese como formadora de mestres para o futuro**

*“Penso que a guerra nuclear não é o pior que nos possa suceder. A real catástrofe é a perspectiva de total embrutecimento, desumanização e manipulação do homem”.*

*Herbert Marcuse<sup>42</sup>*

O professor (antigo professor de escola) representava uma figura arquetípica dentro de uma sociedade tradicional. O professor atual (aquele que o substituiu) não representa nada. Todos os professores hoje devem ter diploma de terceiro grau. Mas onde, realmente, são formados os professores?

Perdeu-se a unidade do magistério. Existe um espaço qualitativo para cada área do saber e é preciso recuperar o ‘espaço pedagógico’, mediante uma Unidade Universitária de Pedagogia que canalize a vocação para o ensino (Centro de Síntese, Faculdade de Pedagogia e Escolas de Aplicação).

---

<sup>42</sup> Herbert Marcuse, *Conversation with Herbert Marcuse*, by Sam Keen and John Raser, em *Psychology Today*, fev. 1971

A nova Universidade deve assumir o encargo de formar professores para todos os níveis do ensino permanente. Educadores.

A nova Universidade, concebida como Escola Superior de Magistério, é um modelo de síntese em uma comunidade pequena, à medida humana. Medida em que se possa aplicar um ensino de mestre a discípulo: o contrário de uma educação de massa (escolas repletas de alunos e professores carregados de ‘horas de aula’). Mas, tampouco deve ser uma educação de ‘elite’. A integração do homem deve dar-se *com* o homem, não fora do homem. E, quando as instituições crescem mais do que a medida na qual é possível a presença direta das pessoas face a face, se desumanizam.

Medida humana é recinto onde mestre e discípulo podem ver-se, ouvir-se e conhecer-se – e con-vocar juntos o mistério do saber.

Temos que dar-nos conta de que está se produzindo uma mudança na ‘fisiologia’ do ser humano (por acoplamento do organismo biológico com a rede tecnocibernética). Isso implica que as ‘velhas’ funções racionais ficam subordinadas a centros cerebrais de síntese: mudança na própria hierarquia das funções intelectuais – através de uma transformação biológica que ainda não percebemos com clareza.

As instituições de ensino devem acompanhar estas mudanças que **já** se produziram no interior do próprio homem, se não quiserem morrer de inanição.

A partir de agora, toda a estrutura da velha Universidade – com suas carreiras correspondentes e suas respectivas hierarquias profissionais – passam a *segundo* nível. O primeiro nível da hierarquia funcional o ‘*top level*’ (*in-level*) já não estará ocupado pelos doutores e sim, pelos mestres.

Os velhos professores já foram substituídos pelo computador – quanto à sua função informativa. E, se não quiserem perder a condição de professores, terão que dar um salto qualitativo, transladando seu potencial vocacional aos novos centros de síntese. Estes últimos são seu lugar e sua hierarquia. Os segundos postos ficam para os doutores e técnicos. O mestre é aquele que deve recuperar a visão para guiar as novas gerações. Tudo o mais já o fazem os computadores.

## **Redescobrimento do “ofício” como função cósmica**

Profissão? Ofício?

Ou função?

A atividade humana, a profissão, o ofício (*métier*), isto é, o que hoje entendemos por “trabalho produtivo”, por “serviço”, é uma função que a sociedade industrial reduziu à sua face prática, indissolivelmente ligada à capacitação técnica e ao rendimento utilitário.

A Universidade atual (profissionalista) deu “título” – e com isso ‘marcou’ (*rolplaying*) – ao *enquadramento* (localização no quadriculado social) do homem e da mulher que conhecemos. Esta espécie de “tabela de *Mendeleev*” dos ‘elementos produtivos’ da sociedade assegura lugar de trabalho para uns e o tira de outros (incremento de desemprego). Por outro lado, orienta em um só sentido – com o conseqüente risco de “cristalização profissional”.

O espírito da pedagogia de síntese é assegurar a dupla corrente humana: do “Centro” para as “Escolas” e das “Escolas” para o “Centro”. De tal maneira que a “capacitação, o “ofício”, a “profissão” – em outras palavras,

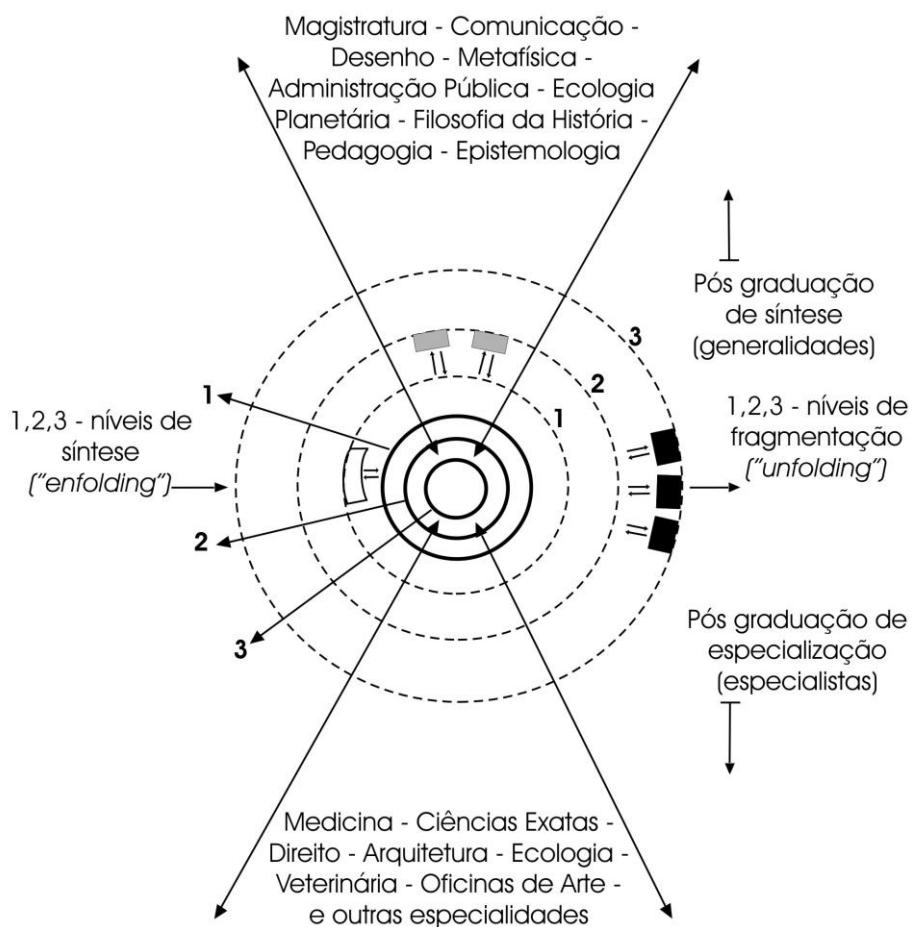
o “trabalho humano” – recuperem sua função cósmica perdida. Que se constituam na sociedade não só como “força de produção”, mas como “campo potencial de equilíbrio” entre o mundo subterrâneo (as perigosas energias do inconsciente) e o novo mundo espiritual de significados, recém aberto.

A Universidade de Síntese, como coração do sistema educativo, já não será uma fábrica de profissionais, mas um degrau de iniciação humana, no caminho de interiorização do “ofício sagrado”<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Ramón P. Muñoz Soler, ob. cit. 10, pg. 358

*Níveis 'quânticos' do Centro de Síntese  
e suas formas de articulação com as Escolas*





## IV

### REDE PLANETÁRIA DE CENTROS DO SABER

“Uma boa parte do conhecimento do mundo que é possuído hoje permanece detida por trás de muros de ignorância, indiferença e ineficiência.”

*A Universidade das Nações Unidas  
em poucas palavras, Serviços de  
Informação, Tóquio, Japão*

#### **A sabedoria da Terra**

Onde foram formadas as classes dirigentes que hoje governam os povos da Terra? Que grau de consciência têm do que é realmente a Humanidade, se nunca saíram do marco imposto por seus círculos acadêmicos nem nunca se puseram em contato com as correntes telúricas do planeta? Que tipo de garantia oferece hoje um pós graduado em Economia saído de uma das principais Universidades do mundo, se ele só domina uma ciência ‘escolástica’ de doutrinas econômicas que desconhecem o fluxo de variáveis de uma energética humana em evolução?

Completada a rede eletrônica de comunicações planetárias, faz falta pôr em circulação a sabedoria da Terra. Não só conhecimento, mas a seiva viva dos povos da Terra.

Em algum lugar do planeta deve poder formar-se uma primeira comunidade universitária que seja um lar para todos os estudantes da Terra com vocação de consciência universal

e vontade de serviço mundial. Um ‘centro’ de radiação do saber que equilibre os atuais centros de poder.

É certo que a cooperação entre as nações se acrescenta dia a dia por meio de diferentes organismos internacionais, do intercâmbio econômico e cultural, dos acordos regionais, etc. Todos os países empregam, em diferentes proporções, verbas destinadas a manter delegações diplomáticas e suas representações comerciais e culturais. Envia cientistas e técnicos a congressos internacionais, enviam oficiais militares a academias estrangeiras e enviam seus representantes esportivos a campeonatos mundiais. Mas, cabe uma pergunta: todo esse intercâmbio se traduz em consciência planetária?

Os homens e mulheres de “carreira” que fazem parte dos organismos internacionais em nível de “*experts*” constituem uma *elite* de funcionários com capacidade para resolver problemas técnicos, dentro do marco teórico do sistema a que pertencem. Mas são incapazes de gestar uma consciência nova.

Em algum lugar da Terra – voltamos a repetir – tem que emergir essa consciência nova. E não vai ser, precisamente, entre os funcionários e sim, entre os jovens estudantes. Não poderíamos mandar um contingente de jovens a uma residência universitária mundial, onde aprendessem a “conviver-e-a-ser”, junto a mestres e estudantes de outros lugares do mundo? Não só para capacitar-se profissionalmente, mas para participar dos problemas humanos e sociais de outros povos. E, sobretudo, para incorporar a sabedoria da Terra.



## Universidade da América

À medida que se expandem as bases da Universidade e que grandes massas de estudantes reclamam seu direito ao ensino superior, os Centros de Síntese devem poder funcionar em níveis cada vez mais elevados (e cada vez mais interiores).

Um Centro de Síntese pode integrar uma ou várias universidades nacionais ou servir de base (de centro) para as universidades de todo um continente.

Dentro do processo de integração do continente americano, a criação de um Centro de Síntese como foco reversível das universidades de cada uma das nações pode ser um passo muito importante para superar as barreiras mentais, culturais, econômicas e telúricas que impedem o despertar da consciência de unidade americana.

Por certo que existem relações de intercâmbio cultural entre diferentes países da América, tanto em nível oficial quanto privado. E a OEA mantém uma Secretaria de Ciência e Cultura. Porém, podemos nos perguntar se tudo isso tem algum significado para uma comunidade americana de futuro. Ou se, pelo contrário, não constitui mais que um ressaibo de uma cultura de aristocracia turística e de diplomacia política.

Ao projetar um Centro Universitário de Síntese em nível americano e continental, temos que tomar cuidado (e o dissemos mais de uma vez) para não cair em uma “fábrica de *experts*”: tecnólogos muito capazes no manejo das relações econômicas, culturais e políticas entre Estados e instituições, mas com desconhecimento absoluto da realidade concreta dos povos da América.

Um Centro de Síntese poderá contribuir para a integração da América, do continente americano. E integração no

mundo, na medida em que seus professores e estudantes se integrem no corpo dos diferentes povos da América – por participação de vida – para conhecer e sentir na própria carne a realidade social e espiritual de seus irmãos.

Da participação alternativa entre ciência integrada (no Centro de Síntese) e trabalho concreto nos campos e cidades da América, surgirá a consciência dos futuros condutores (e servidores) dos povos. Esta substituirá o conhecimento profissional dos funcionários de carreira.

## **Universidade mundial**

Para além das universidades nacionais, regionais e continentais, começa a esboçar sua silhueta, a Universidade mundial.

A ideia vem de longe (já Raimundo Lulio – no século XIII – destaca a importância de educar a juventude para o diálogo em nível mundial<sup>44</sup>). Diferentes projetos se sucederam com o correr do tempo, alguns demasiado utópicos, outros já em vias de realização. Mas, ainda falta um ingrediente qualitativo que, como ‘incêndio’, mobilize a matéria humana ávida de saber (e de servir), dentro do processo de civilização planetária que advém.

Em 1967, U Thant, então Secretário Geral das Nações Unidas, propôs a criação de um estabelecimento educativo de nível internacional, com a finalidade de paz e progresso. A 6 de dezembro de 1973, a Assembleia Geral das Nações Unidas deu sua aprovação à “carta” da Universidade das Nações

---

<sup>44</sup> Juan Cuatrecasas, *Psicogenia de la Agresión*, Ed. Tres Tiempos, Bs. As., 1985, pg. 161

Unidas, que começou a funcionar em fins de 1974, na cidade de Tóquio, Japão<sup>45 46</sup>.

As ideias fundantes do projeto original da ONU são inobjektáveis:

“International Community of Scholars”  
(comunidade internacional de estudiosos), paz e segurança mundiais, desenvolvimento e coexistência entre os povos, integração e difusão do conhecimento.

Mas, na prática, o modelo tende a reproduzir a estrutura das universidades norteamericanas (com seu sistema de promoção e retribuição de cientistas – e exigência de currículos com forte “peso” na formação tecnológica). Tudo isto, unido ao fato de que essa nova Universidade não tem estudantes, senão que está constituída em nível de “pós graduados” e “*experts*”. Isso faz com que corra o risco de que seus esforços “*cross-cultural*” (interculturais) e “*cross-disciplinary partnership*” (de parcerias interdisciplinares) sejam esterilizados em conclusões acadêmicas sem real incidência na transformação do homem e do mundo.

## Centro Mundial de Síntese

A corrente planetária científico-técnica, com foco expansivo na Universidade das Nações Unidas (**ex**-tensão do conhecimento, “*unfolding*”) se equilibra ‘por dentro’ em um foco analógico de síntese **in**-tensiva (‘incorporação’ de

---

<sup>45</sup>United Nations, General Assembly, *United Nations University*, (A/9762), 25 sep. 1974

<sup>46</sup> United Nations, General Assembly, *Report of the Council of the United Nations University*, Supplement nº 31, (A/37/81), New York, 1982

consciência, “*enfolding*” – este último termo pertence a David Bohm<sup>47</sup>).

O Centro Mundial de Síntese – para que seja foco de radiação de significado – deve começar por atrair os jovens *antes* que se produza a deformação profissionalista. Para isso, não faz falta um mosteiro nos altos cumes, mas simplesmente um “recinto” onde os jovens estudantes da Terra com vocação de **ser** possam ‘despertar’ (não só reunir-se para despertar, mas despertar para re-unir-se).

Isto requer mais um espírito que um programa. É obra de fundadores. Tem que ser uma obra generosa, realmente ecumênica, sem bandeiras ideológicas, sem bandeiras raciais ou religiosas. Existem obras planetárias desse tipo: recordemos a fundação da Cruz Vermelha Internacional (uma cruzada): a Escola de Enfermagem veio depois.

A matéria radiante já existe. Onde? Nas Universidades? Não, no exílio.

Hoje, como ontem, é a corrente profética que vem do deserto. Quem são seus portadores? São os homens e mulheres que vêm.

“Os homens que vêm estiveram muito tempo afastados. Foram para a solidão e o retiro, longe, desconhecidos. E ali, ano após ano, estiveram pacientemente ocupados em apagar as pegadas e as marcas que estivemos lhes impondo durante gerações. Agora, voltam. Vêm reunir-se novamente conosco. Mas não são os mesmos. Custa-nos reconhecê-los. Mudaram seus rostos, seus modos, sua maneira de falar e de pensar”<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order*, Routledge & Kegan Paul, London, 1982

<sup>48</sup> José González Muñoz, *El Despertar de América*, Ed. ADCEA, Bs. As., 1975, pg. 101

Em diferentes lugares do mundo estão se gestando estas “arcas de sobrevivência”. William Irwin Thompson – que contribuiu com importantes trabalhos para detectar a natureza de nossa incipiente cultura planetária – adverte que “em muitos casos, a civilização tem hoje que proteger-se das Universidades”. E acrescenta: “É tempo de mover-se fora das instituições culturais, em busca de um diferente tipo de luz”<sup>49</sup>.

### **Desafio da Sombra e convergência das forças do Espírito**

Desencadeou-se, no mundo todo, uma estranha forma de guerra, ainda pouco compreendida. Algo nos escapou das mãos. A violência organizada já é uma força autônoma, um poder independente, sem rosto, mas com diferentes máscaras que gera reações em cadeia difíceis de controlar. Reprime-se a violência, mas não se acerta a descobrir a raiz oculta do fenômeno. E a violência gera uma contra-violência ainda maior: sob o slogan doutrinário de “defesa nacional” são levados à fogueira (e à tortura) muitos inocentes. Em nome da ordem e do Estado de direito, cometeram-se os mais horrendos crimes.

O estado de comoção planetária que experimentamos na atualidade – que implica regiões e países inteiros – se assemelha mais à guerra do *Mahabharata* (luta arquetípica) que a guerras sociais e políticas propriamente ditas. Foram despertadas forças tenebrosas que já não são deste mundo;

---

<sup>49</sup> William Irwin Thompson, *The Founding of a New Educational Community*, rev. “Change”, maio 1973, pg. 44

nem sequer são do mundo dos mortos. São originárias do mundo subterrâneo. E essas forças estão entre nós.

O mal se tornou visível, tomou forma, fez-se substância. E isto já não se arruma com discursos acadêmicos, pactos políticos, medidas econômicas. Os governantes dos povos, os cientistas, os sacerdotes foram inundados por um refluxo incontível de fanatismo, desequilíbrio e desmembramento.

Qual é a resposta a esta conspiração da sombra? A revelação do poder do Espírito em escala planetária!

O que tem isto a ver com a Universidade de Síntese? Nem mais nem menos que a possibilidade de incorporar a sabedoria necessária para pôr em movimento a nova civilização do terceiro milênio.